

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

**Gênero, sexualidade e sexismo na educação infantil e
sua presença nas produções acadêmicas**

Gabriela da Silva Santos

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Educação da UNICAMP sob a
orientação da professora Dra.
Gabriela Guarnieri de Campos Tebet
como requisito para a conclusão do
curso de Licenciatura em Pedagogia

Campinas

2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Santos, Gabriela da Silva, 1994-
Sa59g Gênero, sexualidade e sexismo na educação infantil e sua presença nas produções acadêmicas / Gabriela da Silva Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Gabriela Guarnieri de Campos Tebet.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Sexismo. 4. Educação infantil. 5. Infância. I. Tebet, Gabriela Guarnieri de Campos, 1981-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Prof^a. Dr^a. Gabriela Guarnieri de Campos Tebet

Prof^a. Dr^a. Fernanda Theodoro Roveri

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus sobrinhos Helena e Pedro, que por tantas vezes me fizeram refletir sobre a infância e as relações de gênero.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora, Gabriela Tebet, por ter me ajudado no desenvolvimento dessa pesquisa de maneira sábia e carinhosa. Por ter diversas vezes, durante as aulas e a pesquisa, feito com que eu abrisse meus olhos e buscasse uma maior reflexão sobre a educação. Obrigada por tudo, Gabi.

Um agradecimento especial à Fernanda Roveri por toda inspiração e disposição em ser segunda leitora deste trabalho.

À minha família, e em especial a minha mãe, irmãs, irmão e sobrinhos que transformaram toda a saudade, que eu senti ao longo desses 4 anos, em força para continuar. Obrigada por serem tão presentes, mesmo fisicamente distantes, pela compreensão, incentivo e apoio incessantes, além dos ensinamentos que me transformaram no que sou.

Ao Lucas, meu namorado e companheiro de todas as horas. Agradeço imensamente pelas palavras de ânimo, pela escuta, compreensão e paciência, pelas conversas que tantas vezes confortaram meu coração, pela presença e carinho nos meus momentos de impaciência, crises e choro ao longo dessa fase tão difícil de conclusão de curso. Obrigada por tornar essa caminhada mais fácil e por todas as ajudas com os gráficos deste trabalho, meu amor.

Às minhas amigas de faculdade com quem pude dividir esses 4 anos de descobertas, sonhos, reflexões, incertezas e crescimento. Obrigada por todo apoio, carinho e conforto nos momentos de dificuldades e saudade.

Ao Centro Acadêmico da Pedagogia e às meninas com quem pude dividir meus 3 anos de gestão. Obrigada por todas as trocas, pela consciência crítica e política que me proporcionaram, por compartilharmos a luta por uma educação mais justa e por todas as formações para a vida.

“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”. (Rosa Luxemburgo)

Resumo

O presente trabalho trata-se de um estudo de revisão bibliográfica cujo objetivo foi: investigar, organizar, atualizar e expandir o conhecimento acumulado na produção acadêmica sobre o tema “Gênero, sexualidade e sexismo na educação infantil”. Visando a busca por uma melhor compreensão dessa temática e na tentativa de colocar em foco a maneira como tem ocorrido a produção de conhecimento nessas pesquisas, organizou-se um banco de dados com 134 títulos entre teses, dissertações, trabalhos e artigos, para que assim fosse elaborado um mapeamento e uma análise crítica e reflexiva do percurso histórico, dos anos de publicações, das temáticas mais abordadas, e dos autores mais citados. Assim, todos esses aspectos visam contribuir para a compreensão do que está sendo produzido sobre a temática. Ao longo da pesquisa foi possível observar que houve avanços na produção de conhecimento na área que articula gênero, sexualidade e educação a partir dos anos 80, mas principalmente nos anos 2000. Segundo o levantamento realizado tal avanço pode ser entendido devido a diversos fatores, tais como: a Constituição de 1988, os acordos políticos de educação para todos e o incentivo a pesquisas com essa temática pela Fundação Carlos Chagas.

Palavras-chave: gênero; sexualidade; educação infantil; infância; sexismo; revisão bibliográfica.

Índice

Introdução	9
Metodologia.....	14
Capítulo 1 – Gênero e infância: uma construção social	17
Capítulo 2 – Anos das publicações	20
2.1 O crescimento das pesquisas sobre gênero após a década de 1990: uma análise da conjuntura política do período.....	23
Capítulo 3 – categorização das temáticas encontradas	29
3.1 – Relações de gêneros e brinquedos, brincadeiras, cores, desenhos e comportamentos	30
3.2 – Gênero, corpo, sexualidade e educação sexual	31
3.3 – Gênero e docência.....	32
3.4 – Infância, gênero e família	33
3.5 – Formação docente e o olhar dos educadores sobre as relações de gênero	34
3.6 – As questões de gênero e a mídia	36
3.7 – Políticas públicas	38
3.8 – O que as crianças aprendem, representam e sabem sobre gênero	38
Capítulo 4 – Autores/as mais citados/as	40
Capítulo 5 - Quem tem abordado o tema	44
Considerações finais	46
Bibliografia.....	47
Anexo 1	66
Anexo 2	68
Anexo 3.....	69

Introdução

O presente estudo buscou, por meio de uma revisão bibliográfica, analisar como as questões de Gênero, Sexismo e Sexualidade na Educação infantil estão inseridas nas produções acadêmicas disponíveis no scielo, google acadêmico e artigos publicados na revista zero-a-seis¹.

Minha aproximação com os estudos sobre gênero e sexismo se deu por meio do movimento estudantil, onde desde o começo da graduação tive meus primeiros contatos com o tema em diversos espaços de discussão dentro da universidade.

Os espaços de discussão que pude acompanhar abordavam sempre questões como: violência contra a mulher, homofobia, a história do feminismo e como tudo isso relacionava-se com a educação. Em todas as discussões a escola era sempre citada, geralmente em falas que traziam o quanto a violência contra mulheres e homossexuais eram frutos de uma educação machista, preconceituosa e sexista, e que questões como essas não eram trabalhadas em sala de aula, o que contribuía para toda intolerância encontrada atualmente.

Sempre tive olhos muito atentos para tudo que envolvesse as questões de gênero, mas foi somente após entrar na sala de aula que pude compreender melhor as discussões feitas na universidade.

A ideia de realizar o trabalho de conclusão de curso com essa temática sempre existiu, mas se reafirmou em minhas primeiras visitas às escolas, para os estágios obrigatórios de educação infantil.

Ao longo das idas às instituições algumas inquietações e indignações foram surgindo. Diante de algumas observações informais no cotidiano escolar foi possível notar as relações de gênero e a diferença no tratamento dado a meninas e meninos, principalmente nas atividades do brincar em que as crianças simulam momentos da vida adulta, como trabalhar, ter filhos e etc.

¹ Revista organizada e publicada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância da UFSC

Percebi que em diversas situações havia uma clara distinção entre as práticas que eram consideradas como “coisa de menino” e aquelas que eram consideradas “coisa de menina”.

Por vezes notei que tanto os meninos quanto as meninas perdiam diversas experiências enriquecedoras de convivência e brincadeiras devido a separação de coisas tidas como adequadas somente para as meninas ou somente para os meninos. Jogar bola, usar azul, ser forte e brincar de carrinho eram entendidas como “coisas de menino”. Enquanto brincar de casinha, ter bom comportamento, ser delicada e usar rosa eram vistas como “coisas de menina”.

As cores, os comportamentos, as brincadeiras e os brinquedos são manipulados pelas construções sociais e comumente separados como “de meninas” e “de meninos”. Esses termos têm sido tão utilizados e questionados que pudemos encontrar ao longo dessa revisão bibliográfica 2 artigos que os continham no título. Os artigos analisados reforçam que tal classificação delimita o que é próprio e quais são os comportamentos, modos de ser, gestos, valores, opiniões e atitudes esperados de acordo com cada sexo, reforçando então as diferenças e preconceitos entre os gêneros.

Ao longo das observações de estágio notei também que as crianças reproduziam essas diferenças com relação ao gênero e quando, por exemplo, uma menina brincava de carrinho isso era entendido tanto pela docente quanto pelas outras crianças como algo errado, visto que aquele brinquedo era considerado como de menino e ela deveria brincar com coisas mais “apropriadas” para meninas. Na maioria das vezes esse tipo de cena não era visto como algo normal e logo vinha a docente ou qualquer outro adulto intervir na situação. O que reforça a ideia de que as escolhas que as crianças têm realizado ou sido forçadas a realizar estão intrinsecamente relacionadas como o que se constituiu historicamente como “mais adequado” para seu sexo. Não havendo assim uma valorização de igualdade no desenvolvimento e nem no brincar das crianças.

Em contrapartida a essas divisões sociais dos gêneros também pude observar que apesar de toda repressão à liberdade de escolha de meninos e

meninas seguirem suas vontades, essas concepções não estão completamente interiorizadas. Ainda possuem aqueles que resistem as intervenções daquilo que é imposto/pré-determinado, reagindo contra o modelo “ideal” imposto pela sociedade e rompendo com a educação sexista.

Louro (1998) aponta em seus estudos que a escola sempre fez a separação por gênero. As escolas para meninas ofereciam cursos de habilidades manuais como costura, e as escolas para meninos priorizavam entre algumas coisas o seminário e o colégio militar.

[...] havia escolas – certamente em maior número para meninos, mas também para meninas; escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas ou masculinas; mantidas por leigos – professores para as classes de meninos e professoras para as de meninas. Deveriam ser, eles e elas, pessoas de moral inatacável; suas casas ambientes decentes e saudáveis, uma vez que as famílias lhes confiavam seus filhos e filhas. As tarefas desses mestres e mestras não eram, contudo, exatamente as mesmas. Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos noção de geometria; para as meninas, bordado e costura. (LOURO, 1997, p.44)

Assim como antigamente o que se espera das meninas tem sido diferente do que se espera para os meninos e a escola e a sociedade continuam reproduzindo e naturalizando esse discurso sexista e machista.

Portanto, se admitirmos que a escola não apenas transmite conhecimento, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade, se admitimos que a escola esteja intrinsecamente comprometida à manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 1998, p. 85 e 86).

Todas minhas inquietações sobre o papel da escola e da educação na construção dessas desigualdades entre os gêneros, levaram-me a pesquisar sobre o assunto, em busca de uma reflexão mais profunda sobre qual nosso papel, enquanto educadores, na (des)construção dos estereótipos sexistas. Pois, acredito que se a escola, que não é de forma alguma neutra, acaba (re)produzindo certos preconceitos e discriminações, ela também pode ser um espaço de (trans)formações, mudanças e ressignificações contribuindo assim para uma sociedade menos desigual.

Escolhemos como foco de pesquisa a educação infantil pois acreditamos, assim como Bertuol (2013) que a escola participa ativamente na construção de identidades de gênero e que essa construção tem início desde os primeiros contatos da criança com as práticas educacionais da escola.

Segundo Drumond (2010 pg 1) “Embora sejam crianças pequenas, parece predominar desde a educação infantil uma organização institucional pautada pela heteronormatividade”.

Meus questionamentos, indagações e desassossegos fizeram-me ir em busca por pesquisas que abordassem a temática, levando-me assim a decidir de fato o tema da pesquisa e em conversa com a orientadora escolhemos a metodologia que utilizaríamos.

A pesquisa está estruturada em cinco capítulos. No primeiro capítulo abordaremos, a partir das concepções de Ariès, a ligação da construção histórico social da infância com a construção histórico social do gênero.

No segundo capítulo apresentaremos a incidência dos anos das publicações e em seu subcapítulo abordaremos o crescimento das pesquisas sobre gênero, fazendo uma análise da conjuntura política do período.

O terceiro capítulo trata-se da análise das temáticas mais abordadas ao longo da pesquisa. Ele é dividido em 8 subcapítulos, onde em cada um deles resumiremos quais os principais pontos que aparecem sobre as temáticas mais trabalhadas.

O quarto capítulo aborda os autores mais citados nas pesquisas levantadas, e traz um pequeno relato sobre como e em quais temáticas esses autores são citados, e também faremos um pequeno resumo sobre suas contribuições para as pesquisas nessa área.

E por fim, o quinto capítulo é uma reflexão sobre quem tem pesquisado sobre o tema.

Os dados coletados ao longo da pesquisa foram detalhados e organizados a fim de responder ao objetivo proposto. Separam-se os principais dados coletados em gráficos, tabelas e análises ao longo dos capítulos.

Metodologia

Visando aprofundar o conhecimento e as reflexões acerca do tema “Gênero, sexismo e sexualidade na educação infantil”, em conversa com a orientadora optamos por fazer uma revisão bibliográfica a partir de um material já existente.

Segundo Marconi e Lakatos (2007), a revisão bibliográfica ou revisão de literatura busca colocar o pesquisador em contato com tudo que já foi escrito sobre o tema escolhido para pesquisa. É, portanto, um trabalho sobre um material já produzido anteriormente (Gil, 2004).

Esse tipo de metodologia, por possibilitar ao autor um contato com diferentes pesquisas sobre um determinado tema, permite que seja feita uma análise mais profunda sobre a temática em questão.

Para a realização da presente pesquisa foi realizado um levantamento e análise da produção acadêmica sobre as questões de gênero, sexismo e sexualidade na educação infantil a fim de observar o percurso histórico desses temas na produção acadêmica, buscando compreender como as pesquisas relacionadas à temática estão sendo elaboradas e abordadas, mediante a qual contexto e com qual ênfase.

Em um primeiro momento definimos que o levantamento das referências seria realizado apenas através de buscas virtuais em bases de dados.

Para tanto, como recorte inicial, decidimos analisar as pesquisas que tinham como foco as relações de gênero, sexismo e sexualidade na educação infantil. Excluímos assim todas as produções que não atendiam a temática desse campo do conhecimento.

Para execução desta pesquisa, foi realizado um levantamento mais amplo tomando como bases de dados os sites de busca: “Google acadêmico” e “SciELO” e para uma busca mais aprofundada em uma base de dados com artigos específicos sobre a educação de crianças de zero a seis anos, utilizamos a revista de educação online “Revista zero a seis”. Como segundo recorte selecionamos apenas os artigos de língua portuguesa. E por fim não

houve qualquer restrição à área de origem da pesquisa, nem um recorte específico de ano de publicação.

O material adquirido através da pesquisa foi submetido à leitura, resumo e análise.

Em todos os bancos de dados, foram pesquisadas as mesmas combinações de descritores, todas elas relacionadas ao tema.

As combinações de descritores utilizados foram:

- Educação infantil + gênero
- Educação infantil + sexualidade
- Educação infantil + sexismo
- Infância + gênero
- Infância + sexualidade
- Infância + sexismo

Os descritores foram utilizados inicialmente na Base Scielo, eleito para a primeira busca. Nesta base encontramos 82 títulos, sendo 10 repetidos e 39 sem relação ao tema, analisamos assim 33 títulos dessa base (anexo 1).

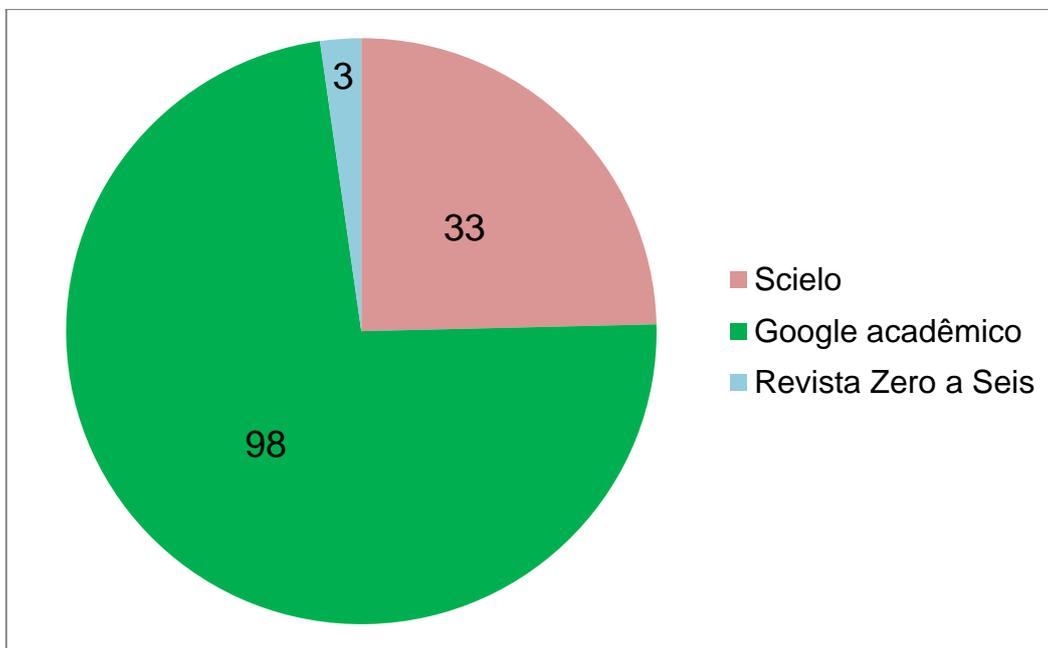
Na revista zero a seis encontramos apenas 10 títulos, sendo 3 repetidos e 4 sem relação ao tema, analisamos 3 títulos dessa base de dados (anexo 2).

No site de busca Google acadêmico foram encontrados 137 títulos, sendo que 18 deles não atendiam ao tema e 21 já haviam sido encontrados em uma das outras duas bases de dados, analisamos então 98 títulos dessa base (anexo 3).

Dessa forma, com as seis combinações de descritores, em um primeiro mapeamento, deparei-me com 195 pesquisas, dentre artigos, dissertações, teses e trabalhos em geral. Considerando os dados da análise e do que fora proposto inicialmente pela pesquisa centralizei meus estudos em 134 trabalhos.

Apresentamos no gráfico (1) a seguir a distribuição do material encontrado por base de dados.

Gráfico 1- Quantidade de títulos analisados por base de dados



Fonte: Dados da pesquisa

A partir dos dados coletados, realizamos primeiro uma leitura seletiva e cuidadosa do material selecionado, verificando assim se as obras tinham relação com o tema de pesquisa.

Em seguida, a próxima etapa da pesquisa foi realizar um processo de caracterização dos 134 títulos que compreendiam a temática, para possibilitar uma visão ampla e geral do trabalho que seria analisado, fez-se então fichamentos de todas as pesquisas encontradas, focando no ano, metodologia, sujeitos envolvidos, temática, autores mais citados e fonte de pesquisa, para que depois pudessemos tabelar e analisar os dados. Todos esses dados foram coletados e armazenados em uma planilha para facilitar a visualização, interpretação e análise.

Capítulo 1 - Gênero e infância: uma construção social

Assim como o gênero, a infância é uma construção social e argumentaremos nesse trabalho, que trata-se de uma construção marcada também por um modelo de identidade de gênero. A construção da infância muitas vezes é ao mesmo tempo, a construção de um padrão de comportamento pautado na distinção dos gêneros.

Já na infância as crianças aprendem que devem seguir um comportamento adequado para sua idade, entendendo o que podem ou não fazer e o que os outros esperam que ela faça.

As diferenças biológicas parecem, portanto ser suficientes, determinantes e justificáveis para a diferença dada no tratamento e naquilo que a sociedade espera de meninas e meninos. (RAMOS 2002 Pg. 16).

Porém não podemos dizer que esse discurso de gênero determina como serão as relações estabelecidas pelas crianças, uma vez que entendemos que elas não são sujeitos passivos na construção de sua identidade. E que muitas delas “[...] subvertem os discursos que tentam capturá-las como sujeitos de uma infância universal, natural e homogênea”. (RAMOS 2002 Pg. 19).

Para um melhor entendimento da ligação da construção social do gênero com a construção social da infância recorreremos ao clássico Philippe Ariès.

Os estudos de Ariès apontam que o sentimento de infância começa a surgir no século XII ao XVIII, e que até o século XII não se detecta nenhuma expressão infantil.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la; é difícil acreditar que essa ausência se devesse à falta de habilidade ou de competência. Parece mais provável que a infância não tivesse lugar naquele mundo (ARIÈS, 1981, p. 50).

Essa ideia que temos hoje de infância, em que as crianças têm características próprias que as distinguem dos adultos, foi fruto de uma transformação social e histórica, e, segundo Philippe Ariès, surgiu apenas por

volta do século XIII. Antes disso a criança não passava pelas etapas da infância determinadas pela sociedade atual.

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. (ARRIES, 1975)

Ariès em seus estudos sobre a infância acaba por descrever um perfil das particularidades da mesma, a partir do século XII, no que diz respeito ao seu comportamento no meio social na época, suas relações com a família e as transformações sobre o sentimento sobre a infância, entendendo que não se trata apenas de modificações biológicas ou naturais, mas de categorizações sociais e históricas sujeitas às transformações que ocorrem na sociedade.

Segundo Ariès a ideia de infância é algo construído socialmente e marcado culturalmente. Essas ideias são, portanto, modificadas juntamente com a historicidade das sociedades.

O entendimento que se tinha de infância e a visão de educação que desenvolveu-se nos diferentes períodos da história nos ajudam a fazer uma análise desses vários momentos históricos, nos possibilitando uma visão crítica sobre esse percurso.

Dessa forma, entendemos que a história da sociedade e de seus condicionantes sociais traçam a trajetória não apenas da visão de infância, mas também marcam uma nova visão sobre a educação, a escola e sobre as relações de gênero, uma vez que a expectativa sobre todas elas mudam e correspondem aos interesses políticos, econômicos e culturais de cada época. (BERTUOL, 2013, pg. 15)

A idade pode então definir, descrever, regular, normatizar e delimitar comportamentos, porém ela não atua sozinha, mas está segundo Ramos (2002) “relacionada a outras categorias identitárias: ser menino ou menina, negro ou branco e de classe mais ou menos favorecida influencia diretamente o modo como as crianças vivem e experienciam suas infâncias”.

Desde o momento que o sexo do bebê é anunciado começam as identificações pelo gênero. Quarto e roupas rosas para meninas, quarto e roupas azuis para os meninos. Antes mesmo de nascerem as crianças já são generificadas, diferenciadas e identificadas. O gênero, portanto, estabelece a forma como meninas e meninos devem comportar-se e viver suas feminilidades e masculinidades desde a infância.

Assim como Àrries defende que a infância é uma construção social, autoras como Louro (1997) e Scott (1998) também sustentam a ideia de que gênero é uma construção social. Para as autoras a ideia de gênero como uma construção social é de que está intrinsecamente relacionada aquilo que a sociedade considera como o papel social/cultural mais adequado para homens e mulheres e está relacionado as noções construídas de masculinidade e feminilidade.

“Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1994: 13).

Dessa forma, tanto a infância quanto o gênero são considerados construções sociais que mudam conforme o tempo histórico, a cultura e a sociedade.

“O processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, o que implica - no processo de ensino-aprendizagem de valores - conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados masculinos ou femininos”. (LOURO, 1992)

Ao longo dos próximos capítulos nos dedicaremos a essa discussão sobre a construção social, principalmente quando apresentarmos os títulos localizados por meio da pesquisa nas bases de dados.

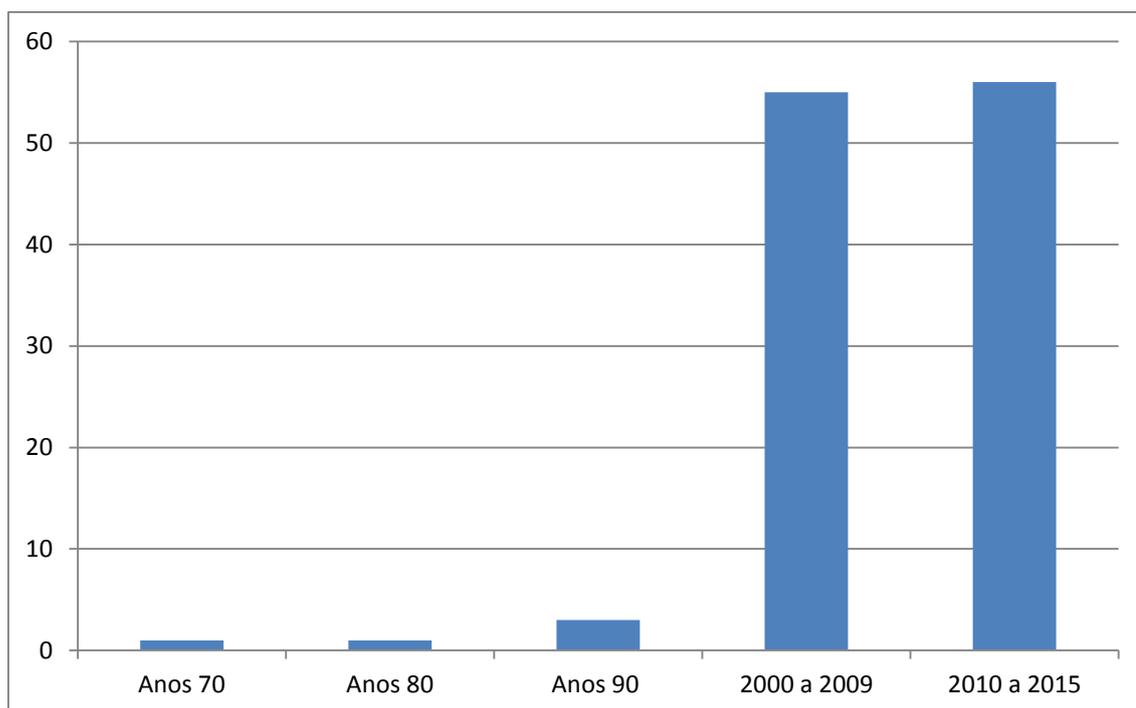
Capítulo 2 – Anos de publicações

Como citado anteriormente, para a realização dessa pesquisa, foram realizadas coletas de dados nas 3 bases (SciELO, Google Acadêmico e Revista Zero a Seis). Encontramos um total de 134 títulos relacionados ao tema de pesquisa.

Dos 134 títulos encontrados, 1 era da década de 70, 1 da década de 80, 3 da década de 90, 55 entre os anos 2000 e 2009, 56 entre 2010 e 2015.

Aponta-se, em um primeiro mapeamento (gráfico 2) a quantidade de títulos encontrados por década. Notamos que apesar das primeiras discussões acerca do tema terem começado na década de 70, é notável o crescimento exponencial na produção acadêmica principalmente nos anos 2.000.

Gráfico 2 - Quantidade de artigos por década



Fonte: Dados da pesquisa

Nas décadas de 1970, 1980 e 1990 os estudos e publicações mantêm patamares muito pequenos, se comparados aos índices relativos aos anos 2000. É a partir dessa época que podemos dizer que o tema mais se

desenvolveu, em termos de pesquisas e estudos, conforme podemos observar pelo crescimento significativo de produções durante esse período. É interessante notar que em meia década (de 2010 a 2014) as publicações já ultrapassaram o número obtido entre 2000 e 2009, o que nos leva a conclusão que as pesquisas nessa área tendem a aumentar.

Como já citado anteriormente e encontrado no gráfico 2, o título mais antigo localizado é o único da década de 70, datado de 1978, ele fora encontrado na base de dado Scielo. Trata-se do artigo “Aquisição de papéis sexuais na infância” de Marília Graciano que foi publicado nos Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas.

Já em 1978 Marília Graciano abordava que as atitudes, comportamentos e reações emocionais “típicos” de homens e mulheres não tinham relação alguma com qualquer elemento biológico, mas que esses comportamentos são tidos como os mais adequados para cada sexo, segundo uma construção social.

Todas as evidências indicam que as crianças nascem com iguais possibilidades de desenvolver características psicológicas, atitudes e comportamentos, e a sociedade as ensina, enquanto homens ou mulheres, a se restringirem às limitações impostas pelo papel sexual culturalmente definido. (GRACIANO 1978, p. 32).

Esses modos de ser e agir são, segundo a autora, culturalmente construídos e ensinados às crianças desde muito pequenas. A autora crítica o fato de que as crianças são educadas de maneiras diferentes, de acordo com seu sexo, o que acaba limitando suas potencialidades, visto que elas são moldadas e limitadas as normas e estereótipos. Esses valores e atitudes entendidos como os mais adequados passam a ser internalizados fazendo com que meninos e meninas passem a manifestar-se de forma automática esses comportamentos socialmente esperados.

Define-se papel sexual como um conjunto de normas referentes a atitudes, valores, reações emocionais e

comportamentos que são considerados apropriados a cada sexo em uma cultura e momento histórico determinados. Não se pode falar em papéis sexuais sem se considerar a cultura e o momento histórico, pois eles só existem em função do contexto social. (GRACIANO 1978, p. 29).

É interessante observar que as discussões trazidas pela autora já na década de 70 sobre a construção social do gênero ainda hoje são realizadas quando abordamos essa temática.

Com relação à década de 80 podemos observar nos dados do gráfico 2 que localizamos apenas uma publicação sobre o tema nessa década.

Até 1980, o tema das relações de gênero foi pouco explorado pelos estudos sobre educação no Brasil. Ainda hoje, nessa área, é escassa a reflexão sobre a relação entre homens e mulheres, assim como sobre os significados de masculinidade e feminilidade com base nas relações de gênero. (VIANA, 2002. Pg 88)

O título encontrado da década de 80 tinha como foco o tema sexualidade e infância, e não abordava as relações de gênero, o que nos remete a afirmação de Viana (2002) que o tema das relações de gênero foi de fato pouco abordado até 1980.

A pesquisa “A sexualidade infantil” fora encontrada na base de dado Google acadêmico, data de 1986 e foi escrita pela psiquiatra e psicanalista Celeste Malpique. A autora aborda como eixo principal de sua pesquisa a importância do adulto como um “agente de fixações e regressões no processo evolutivo da libido durante a infância”, também é feita uma discussão, que assim como a da década de 70 é bem atual, sobre o tabu que é lidar com o tema da sexualidade na infância e as dificuldades encontradas por educadores e familiares.

A década de 90 aparece também com um número pequeno de publicações. Na base de dados Scielo encontramos apenas uma: “Expansão da educação infantil e processos de exclusão” de Fulvia Rosemberg (1999), já na base Google Acadêmico encontramos outros dois: “Lápis vermelho e de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil” de Marcia Aparecida Gobbi (1997) e “Sexo e sexualidade da criança e do adolescente” de Christian Gauderer (1996).

As três temáticas (políticas públicas, construção social do gênero e sexualidade e infância) abordadas nos anos 90 passam por diferentes eixos. Rosemberg (1999) analisa o processo de expansão da educação infantil (creches, pré-escolas e classes de alfabetização) e revela recentes processos de exclusão como: relações raciais, sociais e de gênero, criados pela política de "democratização" da educação infantil. Especificamente sobre a temática a autora aborda sobre a igualdade de oportunidades entre os sexos na educação.

Já Gobbi (1997) busca identificar as relações de gêneros em desenhos de meninas e meninos e através deles confirma que os desenhos das crianças são carregados de significados e que por meio deles é possível conhecer o contexto no qual elas estão inseridas e entender como se dá a consciência pelas crianças dos papéis sociais de homens e mulheres. Gobbi também resgata a discussão trazida na década de 70 sobre a construção social do gênero, entendendo como sexo aquilo que é biológico e gênero aquilo que é construído socialmente como o comportamento adequado para homens e mulheres.

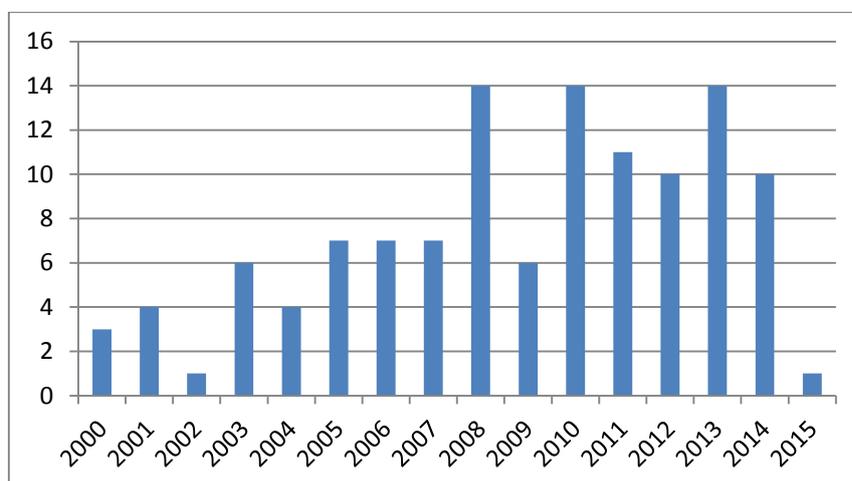
Gauderer (1996) aborda em sua pesquisa questões sobre sexualidade. Passando por temas considerados tabus. O autor acaba desmistificando a temática de sexualidade na infância ao trata-la como algo natural, integrado aos aspectos emocionais, psicológicos, orgânicos, biológicos e socioculturais.

Apesar de termos localizados apenas 5 pesquisas nas 3 primeiras décadas, onde o tema começa a ser abordado, é interessante observar que todas as discussões abordadas por elas são de grande importância, continuam sendo discutidas nos dias de hoje e todas elas giram em torno da problemática do discurso do determinismo biológico das diferenças entre os sexos.

2.1 - O crescimento das pesquisas sobre gênero após a década de 1990: uma análise da conjuntura política do período.

Em relação ao ano de produção e da quantidade de pesquisas que foram encontradas nos anos 2000 obtivemos ao longo dos levantamentos realizados os seguintes dados:

Gráfico 3 - Quantidade de artigos publicados ao longo dos anos 2.000:



Fonte: Dados da pesquisa

Conforme apresentado no gráfico, podemos observar que houve um crescimento gradativo nas publicações ao longo dos anos 2000. Apresentando um número maior de publicações nos anos de 2008, 2010 e 2013. Vale ressaltar que a baixa quantidade de pesquisas encontradas no ano de 2015 se deu pelo fato do levantamento ter sido realizado no começo do ano do mesmo, portanto o dado não deve ser lido como um decréscimo no interesse sobre o tema. Pois, ao contrário o que pode-se notar é que a temática tem sido objeto de interesse crescente durante as últimas décadas.

É possível analisarmos, segundo o levantamento realizado, o grande crescimento de textos sobre a questão de gênero a partir dos anos 2000, tendo em vista um acúmulo de fatos.

Em um primeiro momento temos os estudos sobre as relações de gênero emergindo na década de 70, considerada como a década das mulheres. Logo após o grande marco da igualdade de gênero em 1988 quando foi promulgada a nova Constituição da República Federativa do Brasil. Esta, por sua vez, tem como objetivo a promoção do bem estar de todos os cidadãos, “sem

preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art.3º inciso IV).

Ainda no art. 205 e 206, a educação é ofertada como direito de todos, garantindo total desenvolvimento do cidadão; além de estabelecer “igualdade de condições de acesso e permanência na escola”. A garantia de educação para todos é um dos indicadores da igualdade de gêneros e por outro lado um dos indicadores principais da universalização da educação é a paridade entre os sexos na escolarização.

Com a Constituição as mulheres passam a ser vistas como sujeitos com os mesmos direitos e obrigações que os homens, seja no acesso a educação ou nas questões trabalhistas. As questões de gênero também são colocadas de forma igualitária, em termos de união estável, direitos e etc.

Rosemberg (2001) nos apresenta que nos anos 80 há um grande crescimento nos movimentos sociais, fazendo com que apareçam nas discussões sobre direitos sociais temas como: a desvalorização e a diferença salarial entre mulheres e homens, a ausência de infraestrutura para a trabalhadora gestante e a violência contra mulher. A autora também aborda que é em 1980 também que as lutas feministas passam a ser incorporadas aos partidos de esquerda, são criadas as delegacias da mulher e órgãos municipais de atendimento as mesmas.

Em 1990 durante a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien na Tailândia, fora mais uma vez assumido o compromisso do direito da educação para todos, reafirmando novamente a igualdade entre os sexos.

Segundo Rosemberg (2002) também em meados dos anos 90 a Fundação Carlos Chagas passa a incentivar as pesquisas sobre mulheres e relações de gênero no Brasil, abrindo uma cota específica para as pesquisas voltadas para a educação. As pesquisas com essa temática passam então a ser um grande foco dos pesquisadores.

É na década de 1990 também que surgem novas perspectivas para os estudos de gênero trazidas principalmente por Joan Scott, quando publica seu importante artigo: Gênero: uma categoria útil de análise histórica (1995),

publicado originalmente em 1986. Considera-se assim que Scott foi também grande responsável para a emergência dos estudos na área, quando cunha a categoria gênero para análise. Além disso, a autora traz grandes contribuições para romper com o dualismo sexo (natureza) x gênero (cultura) que existia nas pesquisas até aquele momento.

Em 1997 tem-se os Parâmetros Curriculares Nacionais que apesar do seu foco não ser a educação infantil, mas sim as séries iniciais do ensino fundamental, mais uma vez traz uma política pública que aborda as questões de gênero e que pode também ser considerada como um dos fatores responsáveis pelo crescimento das pesquisas sobre o tema nos anos 2000. O documento aborda o respeito pelo outro sexo e pelas diferentes formas do que é ser homem ou mulher, colocando também em debate o problema da hierarquização na relação entre meninos e meninas.

Em 1998 foi lançado um documento oficial cujo objetivo era nortear a Educação infantil, trata-se do Referencial Curricular para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), as orientações trazidas nele com relação às questões de gênero é que a escola deve transmitir valores de igualdade e permitir que as crianças brinquem com as possibilidades e desconstruam os papéis de gênero associados a homens e mulheres, exigindo sempre uma atenção constante por parte principalmente do professor, para que não se reproduza nas relações com as crianças, padrões estereotipados.

É importante possibilitar diferentes movimentos que aparecem em atividades como lutar, dançar, subir e descer de árvores ou obstáculos, jogar bola, rodar bambolê etc. Essas experiências devem ser oferecidas sempre, com o cuidado de evitar enquadrar as crianças em modelos de comportamento estereotipados, associados ao gênero masculino e feminino, como, por exemplo, não deixar que as meninas joguem futebol ou que os meninos rodem bambolê. (Brasil, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. 1998. Pg 37.)

Já nos anos 2000 foi criado um documento que fez com que vários países, incluindo o Brasil, assumissem alguns compromissos. Conhecido como “Metas de Desenvolvimento do Milênio” (2000) o documento consolidou 8 metas que foram estabelecidas nas conferências mundiais realizadas nos anos 90 e estabeleceu-se 15 anos para seu cumprimento. Um dos compromissos assumidos refere-se a meta de número 3, cujo o objetivo é “Promover a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres”, previsto como uma medida necessária para a melhoria das condições de vida pela ONU.

Ainda em 2000 também fora assumido pelo Brasil na Declaração de Dakar o compromisso de igualdade entre os gêneros, o objetivo era “eliminar disparidades de gênero na educação primária e secundária até 2005 e alcançar a igualdade de gênero na educação até 2015, com enfoque na garantia ao acesso e o desempenho pleno e equitativo de meninas na educação básica de boa qualidade”. Para que isso aconteça é necessário que a educação seja universalizada, mas com qualidade e deve-se de fato criar medidas que influenciem na redução das desigualdades. É claramente preciso repensar o papel da escola, dos conteúdos e dos valores por ela trabalhados.

Em 2002 consta no primeiro Relatório Nacional Brasileiro, ratificado pelo Congresso Nacional e entregue ao Comitê da Convenção para a Eliminação de “Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher” (Brasil, 2002), que a construção de políticas igualitárias de gênero ainda era uma falha a ser consertada pelo governo. O Relatório vem como um alerta de que não bastam apenas os compromissos assumidos, mas que se necessita de políticas para que as metas sejam alcançadas.

Todos os compromissos assumidos pelos países referiam-se as questões de gênero e sexualidade e estavam destinados a eliminar a discriminação contra a mulher. Visando assim, uma sociedade mais humana e justa. Esses debates e compromissos referentes a temática foram elementos de grande influencia para o notável crescimento das pesquisas a partir dos anos 2000, e fez com que o tema estivesse como foco de alguns pesquisadores.

Os dados levantados nos permitem afirmar que não houve apenas um crescimento numérico na produção sobre a temática, mas que os

compromissos estabelecidos suscitaram no Brasil um debate em diversos setores, contribuindo para uma maior preocupação da sociedade e do poder público para com o tema. Essa maior preocupação de longe não é suficiente para as atuais demandas de nossa sociedade, mas a níveis de comparação, não podemos deixar de citar que o tema que anos atrás jamais fora discutido, hoje ao menos tem um espaço, mesmo que ainda pequeno.

Nas três últimas décadas, o conceito de gênero ganhou considerável visibilidade no meio acadêmico, bem como nos movimentos sociais, nas organizações não-governamentais, na militância político-partidária, ocupando também importante espaço nas políticas públicas. Várias iniciativas têm sido tomadas no sentido de promover a igualdade de gênero e os direitos sexuais das chamadas minorias. (Jane Felipe. 2007. Pg. 78)

Assim como pudemos observar no levantamento realizado Faria (2002) afirma que a questão de gênero é um assunto ainda pouco explorado e possui uma grande lacuna no que se refere as pesquisas na área da educação. O que nos leva a conclusão de que as iniciativas para promoção da igualdade entre os gêneros precisam ser maiores e o tema precisa ser melhor e mais discutido.

Capítulo 3 – Categorização das temáticas mais abordadas

Devido a grande multiplicidade de trabalhos e a variedade nas produções das pesquisas, houve dificuldade para classificá-las, pois muitas delas são muito abrangentes e abordam várias áreas da temática. Utilizamos a categorização como um recurso organizacional para facilitar o mapeamento e análise das produções.

Encontramos ao longo da revisão as mais diversas temáticas e para uma melhor análise dos dados foi necessário categorizá-las. Assim, com base nas leituras dos títulos, resumos, introduções, das considerações finais, das referências e dos fichamentos que realizamos dessas pesquisas as categorizamos, de acordo com suas especificidades, em 8 temáticas, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 1 - Categorias

Temática	Número de títulos
Infância, gênero e família	1
Gênero e docência	2
Políticas Públicas – gênero na educação básica	5
As questões de gênero e a mídia	10
Gênero, corpo, sexualidade e educação sexual	23
O que as crianças aprendem, representam e sabem sobre gênero	24
Formação docente e o olhar dos educadores sobre as relações de gênero	30
Relações de gêneros e brinquedos, brincadeiras, cores, desenhos e comportamentos	39

Fonte: Dados da pesquisa

Através da análise das pesquisas, é possível observar na tabela que o tema mais enfatizado nos estudos foi referente às “Relações de gêneros e brinquedos, brincadeiras, cores, desenhos e comportamentos” e que o tema “Formação docente e o olhar dos educadores sobre as relações de gênero” foi um conteúdo, também, priorizado nas pesquisas.

Em contrapartida os temas menos abordados foram “Infância, gênero e família” e “Gênero e docência”.

Para um melhor entendimento sobre como se deu a aproximação dos títulos por categoria, faremos a seguir um breve resumo sobre cada uma delas.

3.1 - Relações de gêneros e brinquedos, brincadeiras, cores, desenhos e comportamentos

Os títulos que se encaixaram na categoria “Relações de gêneros e brinquedos, brincadeiras, cores, desenhos e comportamentos” abordavam questões como a clara segregação de brinquedos, brincadeiras, cores, desenhos e comportamentos a partir do sexo.

As pesquisas abordam que durante os processos de socialização e formação da identidade das crianças são construídas práticas de escolha de brinquedos e de brincadeiras por sexo e cria-se assim os estereótipos.

As pesquisas encontradas criticam o determinismo biológico, onde baseado nas diferenças de sexo há uma clara tentativa de justificar a caracterização de meninas e meninos como sujeitos distintos, e que por isso estão pré determinados a gostarem das cores x ou y, a se comportarem de tal forma ou brincarem com aquilo que é julgado como algo mais adequado para seu sexo.

Hoje em dia os meninos ainda são definidos por sua força física e sua forma agressiva, são vistos como valentes, espertos e ágeis. Enquanto as meninas são rotuladas como meigas, delicadas e calmas. Essas características acabam por desenvolver potencialidades nas crianças, que são ainda mais estimuladas através dos jogos e brincadeiras propostos para cada sexo.

Enquanto as meninas são incentivadas a brincar de casinha e boneca para que assim já se preparem para as responsabilidades de cuidar da casa, os meninos brincam de carrinho, jogam bola e ganham brinquedos que estimulam a lógica e o raciocínio.

Segundo Ramos (2002) “A oferta e o incentivo de alguns brinquedos em detrimento de outros coloca em circulação discursos e “verdades” sobre os papéis masculinos e femininos em nossa sociedade, ensinando às crianças com o quê e de quê elas podem e devem brincar”. Assim os brinquedos não

podem nem devem ser considerados como neutros, visto que as escolhas dos mesmos contribuem para as construções das identidades dos sujeitos.

3.2 - Gênero, corpo, sexualidade e educação sexual

Essa foi a segunda temática mais abordada nas pesquisas, como consta na tabela, e assim como já fora discutido é uma das primeiras temáticas a aparecer como foco de pesquisa na década de 80.

Podemos observar que as pesquisas que abordam a sexualidade e a educação sexual em sua grande parte utilizam Goldberg (1988) para explicar a sexualidade como uma construção sócio-histórica, que não deve ser entendida exclusivamente observando apenas componentes biológicos, instintivos e naturais, mas sim entendida como uma experiência histórica e pessoal.

A maioria das pesquisas compreendem que a educação sexual deve ocorrer em todas as fases da vida, considerando tanto crianças quanto idosos e que pode acontecer tanto dentro como fora da escola. (Goldberg. 1988)

Como as pesquisas tinham como foco a educação infantil, elas apontam que as instituições de educação para crianças pequenas são espaços onde podem ser observadas manifestações de sexualidade infantil, pois é na infância que a criança começa a descobrir seu corpo e as sensações que isso pode proporcionar, percebem as diferenças no próprio corpo e com relação ao corpo do outro. (Felipe, 2007)

Verificou-se nos trabalhos a grande demanda dos profissionais para que o tema sexualidade e infância seja mais abordado e melhor trabalhado nas formações acadêmicas e nos espaços das escolas, pois, frequentemente surgem dúvidas, angústias e dificuldades das educadoras para lidar com as expressões da sexualidade no contexto escolar, para auxiliar/orientar as famílias com relação ao assunto e para ajudar as crianças em suas dúvidas durante esse processo de grandes descobertas, questionamentos e inseguranças.

Leão (2009) e Silva (2010) afirmam que como esses temas não são trabalhados na formação inicial dos docentes, quando esses precisam lidar com situações ligadas ao tema eles tendem a não abordar a situação de forma crítica e reflexiva, muitas vezes desconsiderando ou até repreendendo muitas

das expressões que surgem na sala de aula e entendendo por vezes tais expressões como “distúrbio ou até perversão infantil”.

Segundo Gesser:

Documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1997), reconhecem que o tema sexualidade deve ser trabalhado na escola. A política do Programa Saúde na Escola - PSE (2007) também reitera a importância de se abordar a questão no processo de formação de professores para que estes sejam instrumentalizados a lidar com as questões relativas à sexualidade no âmbito escolar. (Marivete Gesser. 2014)

Mas o que as pesquisas nos revelaram é que o que os professores não têm praticamente instrução alguma com relação a temática e o que acontece de fato é que só tem se trabalhado o tema quando aparece algum problema/desconforto com relação a ele, afinal a sexualidade não tem sido percebida como algo inerente ao processo de desenvolvimento das crianças, como um fenômeno biológico, natural e de descoberta do corpo, mas sim como um tabu e algo que não deve ser ensinado. (GESSER, 2014)

Há uma urgência para que o tema seja trabalhado pelas unidades escolares no sentido de intervenção, para que se mude posturas e repense valores. Principalmente por se compreender que a sexualidade infantil estabelece as bases para a sexualidade na adolescência e na vida adulta.

3.3 - Gênero e docência

A docência fora construída ao longo da história como uma profissão de gênero feminino sendo, portanto, uma área profissional exercida majoritariamente por mulheres, tanto no Brasil como em outros países tais como Alemanha e Estados Unidos (Altamann; Monteiro. 2014).

Segundo o Censo da Educação Básica de 2012 entre os 443.405 profissionais contabilizados no segmento da Educação Infantil apenas 13.516 (3%) eram homens. A educação das crianças é associada à atuação das mulheres, pois, o cuidar e o educar são entendidos como um trabalho doméstico com características essencialmente femininas e que leva em consideração “o instinto materno” e as questões reprodutivas.

É observado também que quanto menores as crianças, menor é a participação masculina na docência e menores são as remunerações. Já na educação superior acontece o inverso, a presença masculina na docência é maior, assim como os salários. (Saparolli, 1998; Vianna, 2002; BRASIL, 2009).

As duas únicas pesquisas encontradas sobre o tema (Maria José Figueiredo Ávila Wanda e Claudia Vianna) retratam as dificuldades que os homens têm em serem aceitos como professores de educação infantil, sobre os preconceitos encontrados tanto com as famílias quanto com os colegas de trabalho, o questionamento à sua orientação sexual a desconfiança quanto à competência profissional e as tentativas de segregação, pelo simples fato de romperem com as expectativas sociais de masculinidade colocadas sobre eles.

3.4 - Infância, gênero e família

De 134 pesquisas apenas uma única abordava o tema da família.

O artigo “Modos de educação, gênero e relações escola–família” de Maria Eulina Pessoa de Carvalho retrata a relação de parceria que a escola deseja que se tenha com a família. A escola espera que os pais acompanhem os deveres de casa, compareçam as reuniões e incentivem as crianças nos estudos. Mas o que acontece é que a responsabilidade sobre tudo isso recai sobre as mulheres, havendo assim uma presença predominante das mães nas reuniões escolares e no acompanhamento do desempenho escolar das crianças, observa-se a obrigação materna na educação escolar.

“A obrigação de acompanhar o dever de casa, de estimular os estudos e de dar afeto ao filho é só da mãe, mesmo se esta trabalha o dia inteiro, como o pai.” (CARVALHO, 2004).

A sociedade como um todo cobra que esse papel seja desempenhado pela mulher e tira dos pais a responsabilidade que cabe igualmente a eles.

Ainda sobre as relações de gênero o artigo retrata que ao observar as responsabilidades atribuídas ao pai e a mãe faz com que as crianças aprendam nas suas relações familiares quais os comportamentos esperados para homens e mulheres.

Segundo Coelho e Costa:

Desde cedo, as crianças começam a observar, dentro de casa, que existe um padrão em que o homem é dominante, as mulheres acabam subordinadas às crianças e aos homens, e estes são mais livres das responsabilidades com a casa, para definir suas próprias prioridades. A socialização na infância, que tem centralidade nas maneiras de brincar, vão se transformando, desde cedo, em diferenciais que determinam masculinidades e feminilidades. (COELHO e COSTA, 2013)

O que pudemos observar ao longo da pesquisa e ainda segundo a afirmação de Whitaker (1995) é que as crianças são educadas através de estímulos dados pelas pessoas com quem convivem em seu ambiente familiar, que provocam diferentes comportamentos dependendo do gênero ao qual pertencem, ou seja, dentro de casa as crianças já recebem estímulos diferentes dependendo de seu sexo, podendo ela ser mais ou menos estimulada para uma coisa de acordo com aquilo que a família, a escola e a sociedade como um todo espera dela.

3.5 – Formação docente e o olhar dos educadores sobre as relações de gênero

As pesquisas relacionadas ao tema buscam enfatizar o importante papel de educadoras e educadores na desconstrução dos significados de gênero nas relações infantis, que quase sempre são impregnadas de sentidos do que é ser menina ou ser menino.

As representações de feminino e de masculino com as quais as crianças se relacionam são, geralmente representações de seus educadores e

familiares. Porém, entende-se que as crianças não só reproduzem as representações e práticas dos adultos, como também: interagem, transgridem e negociam as regras que são impostas pela sociedade. (FINCO, 2003).

As pesquisas apontam que as educadoras comumente possibilitam aos meninos e às meninas vivências diferentes com base nos modelos de masculinidade e feminilidade padronizados, naturalizando aquilo que é "mais adequado" para cada sexo e repreendendo atitudes que são consideradas como inadequadas.

Há ainda o retrato de que em grande parte dos casos as escolas educam meninas e meninos de formas distintas buscando o desenvolvimento de certas características e habilidades de formas diferenciadas segundo seu sexo. (FINCO, 2003).

Segundo Figueiredo (2013) nossa postura, enquanto docente, precisa a todo tempo ser repensada:

Precisamos questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos os/as alunos/as dão ao que aprendem. É preciso estar atentas/os para a nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui (FIGUEIREDO, 2013, Pg 5)

Fica evidenciado que ao não refletirmos sobre nossa prática docente, podemos contribuir para que meninas e meninos não recebam a mesma educação. Visto que dessa forma a imagem que as educadoras e educadores passam para as crianças contribui para que eles entendam “qual seu lugar na sociedade” e qual seu valor enquanto ser humano segundo aquilo que é pré determinado para seu sexo.

Nesse mesmo sentido Larrosa (1994, p. 49) também nos traz à reflexão sobre a formação docente, no sentido de “definir, formar e transformar um professor reflexivo, capaz de examinar e reexaminar, regular e modificar constantemente tanto a sua própria atividade prática quanto, sobretudo, a si mesmo”. É necessário que o docente saiba lidar com esse tema de uma maneira adequada de modo que ele não interfira negativamente na vida da criança, mas sim que auxilie o seu processo de construção da identidade e de autonomia.

Para que as crianças consigam construir sua identidade de gênero sem preconceitos, é necessário que elas façam parte de um ambiente que seja dessa forma, do contrário, suas ações serão reflexos da discriminação encontrada no ambiente.

Nota-se que existe uma grande preocupação com a formação dos professores principalmente no que se refere a essa temática, pois, há ausência de conteúdo, debates e discussões que abarquem os temas gênero, sexismo e sexualidade nos currículos de formação inicial de professoras/es e como consequência desta ausência tem-se a grande dificuldade de trabalhar estes conteúdos em sala de aula.

Há uma certa urgência de se repensar a formação docente em todos os sentidos e não considerando apenas as temáticas de gênero e sexualidade, principalmente por considerar que a reflexão acerca da formação docente contribuiria para uma melhoria na qualidade da educação.

3.6 – As questões de gênero e a mídia

Nas pesquisas encontradas sobre essa temática há uma enorme crítica com relação a mídia, visto que esta é entendida como algo que acaba por educar as crianças conforme as regras socioculturais, principalmente através dos anúncios publicitários.

Em um primeiro momento as crianças são entendidas pela mídia não como clientes ou meros destinatários das mensagens das instituições sociais, mas como interlocutores.

De acordo com Levin (2007):

A televisão pode produzir e construir para a infância redes fixas de significação, breves na extensão e estreitas no volume. Ela é capaz de uniformizar as sensibilidades infantis. A vida social da criança está cercada pela homogênea agenda televisiva da hora. A criança não consegue se isolar dela, convive com ela e sente necessidade de olhá-la. Sem dúvida, a experiência infantil atual está permeada pela televisão (p. 34).

Cada vez mais as propagandas têm sido voltadas as crianças, mesmo quando não se trata de um produto infantil. A propaganda tem sido pensada

para que as crianças de certa forma influenciem os compradores. E cada vez mais os valores têm sido invertidos, onde o ter tem tomado o lugar do ser.

[...] mensagens vêm sendo enviadas às nossas crianças com a intenção de trazer à tona pontos de vista particulares e ações que são o maior interesse daqueles que o produzem. [...] Estas corporações que fazem propaganda de toda parafernália para as crianças consumirem promovem uma “teologia de consumo” que efetivamente promete redenção e felicidade através do ato de consumo (ritual). (STEINBERG e KINCHELOE, 2001, p. 24)

Os apelos publicitários acabam influenciando a compra de brinquedos, objetos, roupas, sapatos, alimentos e quaisquer outros produtos.

Em um segundo momento as pesquisas trazem críticas muito fortes no que diz respeito aos discursos que veicula representações de gênero e de sexualidade, e de certa forma que acabam impondo as crianças modos de ser e agir de acordo com cada sexo. Segundo Sabat (2003, p. 149) “a publicidade é um dos principais mecanismos educativos presentes nas instâncias socioculturais”. A mídia, por tanto, é também um espaço educativo.

(...) os discursos propagados pelas mídias também acabam influenciando de modo significativo a constituição de gêneros, difundindo modelos estereotipados e naturalizados de meninas e meninos, brinquedos e brincadeiras para meninas e meninos. (LEVIN, 2007 Pg. 37).

As mídias demarcam a distinção entre meninos e meninas. As propagandas de produtos considerados para meninas são sempre um incentivo para que elas usem roupas e acessórios da cor rosa, para que gostem de brincar de casinha, fazer compras, estar sempre na moda e já treinem com suas bonecas e aforem o seu instinto materno. Enquanto as propagandas voltadas para os meninos estimulam a aventura, a força, ação adrenalina e raciocínio.

Estas escolhas não são neutras ou indiferenciadas. Nelas aparecem concepções de gênero que fazem com que os meninos sejam estimulados a desenvolver posturas mais ativas, competitivas e aventureiras, enquanto as meninas são educadas na sua candura, romanticismo e ingenuidade. (RAMOS, 2002 Pg. 15).

3.7 – Políticas públicas

As pesquisas localizadas que encaixaram-se nessa temática tratavam em sua grande parte sobre a análise de documentos com foco na inclusão da perspectiva de gênero na educação como um todo, e alguns específicos sobre a educação infantil. São analisados documentos como: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Parâmetros Curriculares Nacionais, histórico da legislação educacional brasileira, mais especificamente das Constituições Federais, das Leis de Diretrizes e Bases da Educação e de tratados internacionais.

Grande parte dessas pesquisas considera um grande avanço que todos esses documentos, mesmo que minimamente, considerem essa temática em suas orientações principalmente aqueles que tratam especificamente da educação infantil, pois segundo Silva (2003) “assume-se que as identidades de gênero são construídas desde a infância, e a instituição – em que as crianças passam em torno de dez horas por dia, cinco dias por semana – não pode ignorar essa construção”.

Uma análise que pudemos fazer com relação a esses documentos é que eles ainda não priorizam propor ações, encaminhamentos ou práticas pedagógicas de desconstrução de identidades de gênero, eles “apenas” asseguram a igualdade entre os gêneros, a educação para todos sem distinção, o respeito pelo outro sexo e o respeito às muitas e variadas expressões do feminino e do masculino.

As pesquisas que abordavam essa temática foram de grande importância para que pudéssemos elaborar o capítulo 2 sobre o percurso histórico das pesquisas.

3.8 – O que as crianças aprendem, representam e sabem sobre gênero

Grande parte das pesquisas preocupou-se em ouvir o que as crianças tinham a dizer sobre as relações de gênero, dando importância à participação delas nos processos investigativos.

Segundo Felipe (2004):

Várias autoras e autores tem reafirmado a necessidade de desenvolvermos pesquisas que contemplem a opinião das crianças, pois em geral, grande parte dos estudos envolvendo a infância têm se pautado por uma perspectiva adultocêntrica, pois elas só aparecem nas pesquisas do ponto de vista dos adultos e de seus interesses específicos, ou numa perspectiva antecipatória, com interesse em descobrir o que as crianças virão a ser.

Em grande parte as pesquisas que buscaram ouvir o que as crianças aprendem, representam e sabem sobre gênero analisaram através de suas falas e ações que são depositadas expectativas sobre elas e que seus lugares e modos de agir são determinados de acordo com seu sexo. Como se para cada gênero existisse apenas um único modo de ser. Em suas falas as crianças já reproduzem frases como “Menino não chora”, “As meninas começam porque são mais fracas”, “Carrinho é coisa pra menino e boneca coisa pra menina”.

As pesquisas também abordam a importância do professor na mudança dos discursos e práticas das crianças. Um dos exemplos trazidos por Meireles (2011) ilustra bem isso. Em uma sala de educação infantil um menino estava colorindo com giz rosa, um outro vira e diz que só meninas podem colorir com rosa. O menino prontamente larga o giz rosa e pega um azul. A professora observando toda a situação diz ao menino que tanto meninos quanto meninas podem colorir com rosa, e assim o menino volta a usar o giz rosa para colorir. Nesse momento a professora transforma aquela verdade que as crianças tinham de que “só menina pode pintar de rosa” para “todas as crianças podem pintar de rosa ou da cor que quiserem.” Permitindo assim que as crianças sejam livres fazer suas escolhas independente de gênero.

As pesquisas trazem como conclusões que as crianças incorporam as noções do que é considerado certo e errado para os comportamentos de cada gênero. Mas que por vezes não aceitam sem questionar o porquê de não poder usar rosa ou não poder brincar de carrinho, fazendo com que os adultos

reflitam sobre essas imposições sociais. E então o comportamento dessas crianças é geralmente “definido” pela resposta que recebem dos adultos. E mais uma vez as pesquisas ressaltam a importância da formação do professor para que trabalhe as questões de gênero em sala de aula, para que não rotule e nem limite o que meninos e meninas podem ou não fazer.

Capítulo 4 – Autores/as mais citados/as

Como pudemos observar nos capítulos anteriores, gênero, sexualidade e sexismo na educação infantil foram focos de pesquisa de vários autores nas últimas décadas. Assim, utilizamos também como dado de pesquisa os autores mais citados. Encontrando a predominância de citações dos autores listados a seguir:

Tabela 2 – Autores mais citados

Autores	Quantidade de citações
Guacira Lopes Louro	57
Joan Wallach Scott	37
Jane Felipe de Souza	35
Michel Foucault	31
Daniela Finco	23
Fulvia Rosemberg	21
Ana Lucia Goulart de Faria	15
Dagmar Estermann Meyer	15

Fonte: Dados da pesquisa

Na análise das pesquisas foi possível observar que os escritores mais mencionados têm em comum a forma como abordam a concepção de gênero. As autoras Guacira Lopes Louro, Joan Wallach Scott, Jane Felipe de Souza, Ana Lucia Goulart de Faria, Daniela Finco, Fulvia Rosemberg e Dagmar Estermann Meyer trabalham a concepção de gênero como algo entendido como uma construção cultural e social de identidade sexual, essa concepção revela os diversos papéis sociais atribuídos ao homem e a mulher a partir das diferenças sexuais, diferentemente do sexo que se refere apenas as características biológicas de homens e mulheres.

As autoras são citadas em diversos artigos, onde utilizam-se de suas ideias para definir gênero como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Gênero seria, portanto a diferenciação entre o corpo, o “sexo biológico”, e os aspectos sócio-culturais. Compreendendo assim que as diferenças entre homens e mulheres na sociedade são construções sociais.

Destacam ainda que é na sociedade e na cultura que as diferenças biológicas entre homens e mulheres ganham sentido e são representadas. Segundo as autoras tornamo-nos homens e mulheres na cultura.

Para Louro (2000) gênero refere-se ao modo como as chamadas "diferenças sexuais" são representadas ou valorizadas, refere-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, em uma sociedade, num determinado grupo, em um determinado contexto.

A construção de gênero para Louro se dá “através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais” (p. 18), dentre elas a escola. A construção liga-se a uma identificação histórica e social dos sujeitos, que aprendem a reconhecer-se como femininos ou masculinos. E a identidade sexual está relacionada a forma como as pessoas vivenciam suas vontades e desejos. (LOURO, 2000, p. 26).

Segundo Meyer (2003), sexualidade e gênero são conceitos frequentemente confundidos, apesar de se correlacionarem, cada um deles tem especificidades. Gênero, segundo a autora, refere-se as formas pelas quais sociedades e culturas entendem homens e mulheres e organizam/dividem o mundo em torno do entendimento de masculinidade e feminilidade. Já a sexualidade tem a ver com as formas pelas quais os diferentes sujeitos, homens e mulheres, vivem seus desejos e prazeres corporais. Segundo a autora “[...] nós aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos, até o dia em que morremos e essas aprendizagens se processam em diversas instituições sociais”.

Joan Scott (1989) a partir de sua visão construcionista social foi a pioneira a abordar que tanto gênero como sexo são antes de tudo formas de conhecimento, do corpo, dos indivíduos, das diferenças sexuais, dos desejos e limitações. A autora tenta desconstruir a divisão entre o sexo para a natureza, aquilo que é biológico, e o gênero para a cultura, aquilo que é socialmente construído. Não devemos, portanto acreditar que existam referenciais fixos ou

determinados sobre homens e mulheres e a relação entre eles, afinal homens e mulheres são segundo Scott (2010) “ideais estabelecidos que regulam e direcionam ações humanas”. Para a autora gênero nada mais é do que “[...] uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”.

Fulvia Rosemberg (2001) é citada nas pesquisas que referem-se as políticas públicas voltadas pra igualdade de gênero na educação. A autora também traça um percurso histórico sobre a abordagem da temática de gênero que faz com que muitas pesquisas utilizem-se de seus dados para fazer o mesmo percurso.

Finco (2010) é bastante citada nas pesquisas sobre as relações de gênero e brinquedos e brincadeiras e assim como as outras autoras ela também defende a ideia da construção social do gênero, sendo a Educação Infantil o foco de suas pesquisas. A autora afirma que:

Homens e mulheres adultos educam crianças definindo em seus corpos diferenças de gênero. As características físicas e os comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, às vezes inconscientemente, nos pequenos gestos e práticas do dia-a-dia na Educação Infantil. O que é valorizado para a menina não é, muitas vezes, apreciado para o menino, e vice-versa.

Ana Lucia Goulart de Farias (2006), entre tantas temáticas tem sua pesquisa também voltada pra educação infantil. As pesquisas que citam a autora abordam geralmente sobre a pedagogia da infância, os olhares sobre a criança e o cuidado infantil. A autora não tem seus estudos focados nas relações de gênero, mas sim na infância. E especificamente com relação a temática de gênero a autora acredita que “(...) a superação da desigualdade com certeza passa pela educação desde a primeiríssima infância em espaços coletivos na esfera pública convivendo com as diferenças.

Jane Felipe (1999), geralmente é citada nas pesquisas que abordam sobre sexualidade e infância. No que refere-se ao gênero a autora acredita que "Qualquer possibilidade de rompimento das fronteiras de gênero aponta para uma classificação no campo da patologia, da anormalidade", ou seja, há uma

grande preocupação por parte dos adultos para que a orientação sexual dada as crianças seja algo normatizado para que se garanta que as crianças não fujam dos padrões impostos pela sociedade, onde homens tem comportamentos e desejos sexuais masculinizados e mulheres feminizados. Para que assim não rompam com as fronteiras de gênero.

Foucault (1976) também é citado nas pesquisas que abordam a temática da sexualidade, principalmente sobre as discussões dessa temática no âmbito escolar. O autor afirma que a escola é uma das instituições de discurso de verdade e poder, onde nela acontece o adestramento, manipulação e domesticação do corpo e da mente das crianças. O homem é, portanto moldado e modificado pelas instituições segundo o interesse delas. Assim, todos aqueles que fogem as normas passam a ser punidos e corrigidos. Se fizermos uma associação com as relações de gênero podemos dizer que é exatamente o que acontece com as crianças, a sociedade as molda conforme as construções sociais do gênero, que diz como devem ser e agir de acordo com cada sexo e assim se não se enquadram nessas normas elas são punidas sendo através da proibição de algumas coisas (não poder brincar com um certo objeto pois não é adequado para seu sexo) ou pela exclusão de alguns espaços (as crianças que não se enquadram as normas por vezes são excluídas pelas outras crianças).

Todos esses autores foram bastante citados nas pesquisas encontradas e ao longo da leitura observamos que são de fato de grande importância para um melhor entendimento sobre a temática de pesquisa.

Capítulo 5 - Quem tem abordado o tema

Ao longo da pesquisa pudemos observar que os estudos sobre gênero, sexualidade, sexismo e educação infantil aparecem como estudos das mais variadas áreas do conhecimento. Tais como: educação, psicologia, educação física, história, saúde pública, sexologia, ciências sociais e etc. Essa interdisciplinaridade pode por um lado ser entendida como algo positivo, visto que contribui para o avanço do conhecimento sobre o tema a partir das diversas perspectivas.

Prout (2004) defende que “é necessário intensificar a interdisciplinaridade dos estudos que envolvem a infância na busca de um diálogo que explore pontos em comum e diferenças, bem como um envolvimento com outras ciências”. Já Brandão (2005) afirma que a excessiva fragmentação dos estudos nas diferentes áreas geralmente conduz à superficialidade e a dificuldade na acumulação de conhecimentos.

Ao observarmos o gráfico de número 1 que se refere a quantidade de publicações encontradas em cada base de dado é interessante constatar a pequena presença de produções na Revista Zero a Seis, que é uma revista voltada para a área da educação. Isso faz com que nos questionemos sobre quem tem de fato trabalhado com essas pesquisas, já que aparentemente não tem sido pesquisadores da área da educação. Não obtivemos dados sobre os campos de todas as pesquisas encontradas, o que dificultou nossa abordagem crítica sobre esse dado. Também vale a pena ressaltar que o Scielo é uma base de dados que inclui centenas de publicações enquanto que a pesquisa realizada na base e de dados da revista zero-a-seis traz apenas as publicações de uma única revista, o que nos permite considerar que a quantidade de artigos sobre a temática localizada nessa publicação não é pequena em comparação com outras publicações da área da educação.

Considerações finais

O presente trabalho tinha como proposta problematizar, ampliar, levantar algumas hipóteses e articular algumas considerações referentes a produção do conhecimento sobre a temática de “Gênero, sexualidade e sexismo na educação infantil” não o limitando de forma alguma a conclusões fechadas.

O principal desafio encontrado nas mais diversas temáticas sobre as relações de gênero é o entendimento de que há muitas formas de ser menina/mulher assim como há muitas de ser menino/homem. E que não deve-se padronizar, determinar ou encaixar as pessoas dentro de certos comportamentos considerados como certos de acordo com o sexo. Só assim as pessoas passariam a ser de fato livres e respeitadas, independentemente de seu sexo ou de suas escolhas.

Ao longo do trabalho pudemos observar que as pesquisas levantadas contribuem de forma significativa para pensarmos estratégias que tenham como objetivo o respeito às diferenças e à igualdade de direitos, pois, só é possível trabalhar e problematizar a temática de gênero através do conhecimento das experiências, vivências e pesquisas na área. Também pudemos observar que as estratégias não devem ficar apenas na teorias das pesquisas mas que devem fazer parte de nossas reflexões e ações diárias, não só na sala de aula e nem apenas com as crianças.

Por meio de todas as análises realizadas observamos que as pesquisas na área tem crescido bastante nos últimos anos, porém acreditamos que esse número tem sido pequeno, se comparado a forma como outras temáticas vem sendo pesquisadas, e que por se tratar de um assunto tão presente e tão importante deveria ser foco de mais pesquisas, políticas públicas, reflexões e discussões.

Bibliografia

ABRAMOWICZ, Anete., RODRIGUES, Tatiane Consentino. Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos. Educação e sociedade. vol.35 no.127 Campinas Apr./June 2014 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01017330201400020007&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

ALBERTINI, Paulo. A sexualidade e o processo educativo: uma análise inspirada no referencial reichiano. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=lang_pt&id=w8bedwPuSnIC&oi=fnd&pg=PA53&dq=educa%C3%A7%C3%A3o+infantil,+sexualidade&ots=zerJhGCNRq&sig=pg7LX0shi29ImF5qaZyKyPA0OYw#v=onepage&q&f=false Acesso em 07 set. 2015.

ALTMANN, Helena. Barbie e sua história: gênero, infância e consumo. Pro-Posições vol.24 no.1 Campinas Jan./Apr. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072013000100017&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

ALTMANN, Helena., MONTEIRO, Mariana Kubilius. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. Cadernos de Pesquisa. vol.44 no.153 São Paulo July/Sept. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742014000300012&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

ALVES, José Eustáquio Diniz., BELTRÃO, Kaizô Iwakami. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século xx. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n136/a0739136.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

ARAÚJO, Maria Vanderléia Matos., FERREIRA, Teresa Helena Schoen., MARTELETO, Márcia Regina Fumagalli. Avaliação do vocabulário receptivo de crianças pré-escolares. Estudos de psicologia. vol.27 no.2 Campinas Apr./June 2010 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X201000020004&lang=pt Acesso em 07 set. 2015

ARGÜELLO, Zandra. REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS DISCURSOS DE CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES: Problematizando as questões de gênero com crianças através da literatura infantil. Disponível em: <http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2307> Acesso em 07 set. 2015.

ARRUDA, Teresa Santos. A escola como promotora de pensamentos e atitudes sexistas: uma abordagem no nível da pré-escola. Disponível em: http://www2.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTR/O/05_Teresa_Santos_Arruda.pdf Acesso em 07 set. 2015.

AZEVEDO, Tania Maria Cordeiro de. Brinquedos e gênero na educação infantil - um estudo do tipo etnográfico no Estado do Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01102010-133724/en.php>. Acesso em 07 set. 2015.

BANHARA, Aline Fátima., FIGUEIREDO, Anelice Maria Banhara. RELAÇÕES DE GÊNERO: EDUCAÇÃO E INFÂNCIA. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384878607_ARQUIVO_AneliceMariaBanhara.pdf Acesso em 07 set. 2015.

BARROS, Adeilson Paulino de., PESSOA, Elvira Bezerra. Relações de gênero e sexualidade na escola: uma investigação na prática docente. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1574_b4a85e6ba609c9249c02f24343168883.pdf Acesso em 07 set. 2015.

BEIRAS, Adriano BeiraS., TAGLIAMENTO, Grazielle., TONELLI Maria Juracy Filgueiras. Crenças, valores e visões: trabalhando as dificuldades relacionadas a sexualidade e gênero no contexto escolar. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942005000100007 Acesso em 07 set. 2015.

BERTUOL, Bruna. Coisas de menino ou de menina? Pedagogia de gênero nas escolas de educação infantil. Disponível em: http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/educacao/2013/bbertuol.pdf Acesso em 07 set. 2015.

BERTUOL, Bruna., SILVA, Denise Regina Quaresma da. Novos olhares para as pedagogias de gênero na educação infantil. Disponível em: <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/5019> Acesso em 07 set.

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. A construção das identidades de gênero na educação infantil. Disponível em: <http://www3.ucdb.br/mestrados/arquivos/dissert/590.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

BLIND, Alice Hanni. “Será que ele vai ser gay?”: crianças e as fronteiras de gênero na educação infantil. Disponível em: http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/educacao/2013/bbertuol.pdf Acesso em 07 set. 2015.

BOEL, Andressa Rezende., SILVA, Elsieni Coelho da Silva. Educação infantil e gênero: investigações sobre a expressão cultural no desenho. Disponível em: http://www.encontro.proex.ufu.br/sites/encontro.proex.ufu.br/files/historico/10/educacao_infantil_e_genero_investigacoes_sobre_a_expressao_cultural_no_desenho.pdf Acesso em 07 set. 2015.

BORGES, Eliane Medeiros. Identidade e resistencia : as crianças e as representações televisuais de corpo e sexualidade. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000340114> Acesso em 07 set. 2015.

BORGES, Eliane Medeiros. Corpo, espetáculo e consumo: novas configurações midiáticas para a infância. Disponível em:

<http://200.144.189.42/ojs/index.php/mediajornalismo/article/viewArticle/5795>
Acesso em 07 set. 2015.

BORTOLOZZI, Ana Cláudia Maia., SPAZIANI, Raquel Baptista. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2017> Acesso em 07 set. 2015.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. Disponível em: [http://www.faroldoconhecimento.com.br/livros/Educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica/Fundamentos%20das%20atividades%20expressivas/Guacira_Lopes_Louro_O_Corpo_Educado_\(pdf\)_%20\(rev\).pdf#page=61](http://www.faroldoconhecimento.com.br/livros/Educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica/Fundamentos%20das%20atividades%20expressivas/Guacira_Lopes_Louro_O_Corpo_Educado_(pdf)_%20(rev).pdf#page=61) Acesso em 07 set. 2015.

CÁCERES, Gladimar Mariano. Educação, sexualidade e gênero na educação infantil: uma articulação possível e necessária. Disponível em: <http://dialogoseducacionais.semed.capital.ms.gov.br/index.php/dialogos/article/view/21> Acesso em 07 set. 2015.

CARMO, Lyvia Tavares Felix do., PEREIRA, Maria Cecília Souza., STADTLER, Hulda Helena Coraciara. Construções de gênero na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Disponível em: <http://www.eventosufrpe.com.br/eventosufrpe/jepex2009/cd/resumos/R01393.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

CARON, Viviane das Chagas. Gênero, sexualidade e co-educação: uma experiência na escola. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Viviane_das_Chagas_Caron_10.pdf Acesso em 07 set. 2015.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de educação, gênero e relações escola-família. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a03n121> Acesso em 07 set. 2015.

CARVALHO, Marília Pinto de., CRUZ, Tânia Mara. Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30388.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

CATTUZZO, Maria Teresa., OLIVEIRA, Dayana da Silva., OLIVEIRA Ilana Santos de. A influência do gênero e idade no desempenho das habilidades locomotoras de crianças de primeira infância. Revista brasileira de educação física e esporte vol.27 no.4 São Paulo Out./Dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180755092013000400012&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

CAVALLEIRO, Eliane. O combate ao racismo e ao sexismo como eixo norteadores das políticas de educação. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/educar/1congresso/042_congresso_eliane_cavalleiro.pdf Acesso em 07 set. 2015.

CAVALLEIRO, Eliane., MARQUES, Ana. Políticas públicas, desigualdades raciais e de gênero: repensando valores, princípios e práticas. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST57/Cavalleiro-Marques_57.pdf

Acesso em 07 set. 2015.

CAVASIN, Sylvia., GAVA, Thais., UNBEHAUM, Sandra. Gênero e sexualidade nos currículos de pedagogia. GÊNERO E SEXUALIDADE NOS CURRÍCULOS DE PEDAGOGIA. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278171100_ARQUIVO_Gen_Sex_Curric_Ped_ST19_FG9.pdf Acesso em 07 set. 2015.

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz., SILVA, Thaise da. A boneca barbie na cultura lúdica: brinquedo, infância e subjetivação. Revista zero a seis. V. 14, n. 26 (2012). Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/19804512.2012n26p20/22276> . Acesso em 07 set. 2015

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz., SILVA, Thaise da. Assim falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém. Fractal, Revista de Psicologia vol.24 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2012. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198402922012000300012&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

CELES, Luiz Augusto Monnerat., ZAVARONI, Dione de Medeiros Lula., VIANA, Terezinha de Camargo. A constituição do infantil na obra de Freud. Estudos de psicologia. (Natal) vol.12 no.1 Natal Jan./Apr. 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2007000100008&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

CIAFFONE, Adriane Costa e Rocha., GESSER, Marivete. Integração Saúde e Educação: Contribuições da Psicologia para a Formação de Educadores de uma Creche em Sexualidade Infantil. Psicologia: Ciência e profissão. V. 34 no.3 Brasília Jul/Set. 2014 Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14149893201400030074&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

COELHO Edméia de Almeida Cardoso., COSTA, Lúcia Helena Rodrigues. Ideologias de gênero e sexualidade: a interface entre a educação familiar e a formação profissional de enfermeiras. Texto contexto - enfermagem. vol.22 no.2 Florianópolis Apr./June 2013. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072013000200026&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

COSTA, Arlete de. Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/87762>

Acesso em 07 set. 2015.

CRUZ, Elizabere Franco. Educação sexual e educação infantil nos relatos de profissionais que trabalham com a formação de educadoras de creche/pré-escola. Disponível em:

<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/42-dossie-cruzef.pdf>

Acesso em 07 set. 2015.

CRUZ, Tânia Mara. Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças. Educação em revista. vol.30 no.1 Belo Horizonte Jan./Mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982014000100007&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

CRUZ, Tânia Mara. Gênero e culturas infantis: os clubinhos da escola e as trocinhas do Bom Retiro. Educação e Pesquisa vol.38 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2012. Disponível em: <http://repositorio.ipsantarem.pt/handle/10400.15/428> Acesso em 07 set. 2015.

DOMINGUES, Renata Pimenta. Desejo, diferença e sexualidade na educação infantil : uma análise da produção dos sujeitos nas práticas escolares. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13294> Acesso em 07 set. 2015.

DOZOL, Marlene de Souza. Jean-Jacques Rousseau entre uma poética da superfície e a ideia de infância. Educação e Pesquisa. vol.41 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022015000100017&lang=pt. Acesso em 07 set. 2015.

DRUMOND, Viviane. É de menina ou de menino? Gênero e sexualidade na formação da professora de educação infantil. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278281542_ARQUIVO_artigo-Viviane.pdf Acesso em 07 set. 2015.

DUARTE, Livia Maria Serafim., MORAIS, Elyziane Rhaquel Araújo. Educação e gênero: uma abordagem sobre meninos e meninas na educação infantil. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade_6data_hora_08_10_2013_16_32_45_idinscrito_1127_746449c2e144a80cddf140d44632c8a4.pdf Acesso em 07 set. 2015.

ELIAS, Luciana Carla dos Santos., MARTURANO, Edna Maria., TOLLER, Gisele Paschoal. Gênero, adversidade e problemas socioemocionais associados à queixa escolar. Estudos de psicologia (Campinas). V.22 no.4 Campinas Out./Dez. 2005 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X200500040005&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. Cadernos Pagu no.26 Campinas Jan./June 2006 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100012&lang=pt Acesso em 07 set. 2015

FILHA, Constantina Xavier. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. Rev. Estud. Fem. vol.19 no.2 Florianópolis Mai/Ago. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2011000200019&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

FILHA, Constantina Xavier. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. Educar em Revista - no.spe-1 Curitiba 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602014000500011&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

FINCO, Daniela. Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/1905/1908> Acesso em 07 set. 2015.

FINCO, Daniela. Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. Disponível em: <http://dide.minedu.gob.pe/xmlui/handle/123456789/1733> Acesso em 07 set. 2015.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/42-dossie-fincod.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

FINCO, Daniela. Socialização de Gênero na Educação Infantil. Disponível em: http://aristarco.fe.unb.br/gde/images/livros/socializacao_de_genero.pdf Acesso em 07 set. 2015.

FINCO, Daniela., VIANNA Claudia. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. Cadernos Pagu no.33 Campinas Jul/Dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332009000200010&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Pequena Miss Sunshine*: para além de uma subjetividade exterior. Pro-Posições vol.19 no.2 Campinas Mai/Agos. 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/108420> Acesso em 07 set. 2015.

FLORES, Maria Luiza Rodrigues. Conversando com educadoras e educadores de berçário: relações de gênero e de classe na educação infantil. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/108420> Acesso em 07 set. 2015.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. Educação em Revista - no.46 Belo Horizonte Dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982007000200011&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

GAUDERER, Christian. Sexo e sexualidade da criança e do adolescente. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=274970&indexSearch=ID> Acesso em 07 set. 2015.

GOBBI, Marcia Aparecida. Lápis vermelho é de mulherzinha : desenho infantil, relações de gênero e educação infantil. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000114737>. Acesso em 07 set. 2015.

GOMES, Renata Fernanda Fernandes. Infância e diversidade: um estudo sobre significações de gênero no brincar. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/97650> Acesso em 07 set. 2015.

GOMES, Vera Lúcia de Oliveira. A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em pré-escolas. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=439016&indexSearch=ID> Acesso em 07 set. 2015.

GRACIANO, Marília. Aquisição de papéis sexuais na infância. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1708> Acesso em 07 set. 2015.

GUERRA, Judite. Dos "segredos sagrados": gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7146>. Acesso em 07 set. 2015.

GUIMARÃES, Célia Maria., OLIVEIRA, Daniele Ramos de. Desafios da constituição do profissional de educação infantil. Revista zero a seis. V. 15, n. 28 (2013). <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2013n28p1/24845> Acesso em 07 set. 2015.

GUIZZO, Bianca Salazar. Identidades de gênero masculinas na infância e as regulações produzidas na educação infantil. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2123> Acesso em 07 set. 2015.

GUIZZO, Bianca Salazar. Identidades de gênero e propagandas televisivas : um estudo no contexto da educação infantil. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4519> Acesso em 07 set. 2015.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida., ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. Pro-Posições vol.19 no.3 Campinas Sept./Dec. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072008000300011&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

KLEIN, Carin. Educação de mulheres-mães pobres para uma "infância melhor". Revista Brasileira de Educação. vol.17 no.51 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782012000300009&lang=pt. Acesso em 07 set. 2015.

LAGO, Mara., PRETTO, Zuleica Pretto. Reflexões sobre infância e gênero a partir de publicações em revistas feministas brasileiras. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/16638> Acesso em 07 set. 2015.

LOPES ,Maria de Fátima., PINTO, Tatiane de Oliveira. Brincadeira no espaço da rua e a demarcação dos gêneros na infância. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v7n2/v7n2a12> Acesso em 07 set. 2015.

LOPES, Jussara de Cássia Soares. A vivência do racismo e do sexismo na infância e na adolescência e a construção da identidade das meninas negras. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ci/article/view/14214> Acesso em 07 set. 2015.

LOPES, Vanubia Sampaio dos Santos., RODRIGUES, Adriana Lucia de Oliveira. Meninas e meninos na educação infantil: transgredindo as fronteiras de gêneros. Disponível em: http://www.semanaeduca.unir.br/noticias_arquivos/13243_anais_eixo_2.pdf#page=41 Acesso em 07 set. 2015.

LUZ, Jurcleidy Moritz., MESQUITA, Marcia., SCALVIN, Zenilda., SANTIAGO, Flavia Gonçalves de. Dilemas do educador frente a sexualidade na educação infantil (0 a 6 anos). Revista zero a seis. v. 2, n. 3 (2000). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/15571/14109> Acesso em 07 set. 2015

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Infância, gênero e estereótipos sexuais: análise do relato de mães de crianças de 4 a 6 anos. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/97486> Acesso em 07 set. 2015.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi., REIS, Kellen Cristina Florentino. Estereótipos sexuais e a educação sexista no discurso de mães. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/krj5p/pdf/valle-9788598605999-08.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

MALPIQUE, Celeste. A sexualidade infantil. Disponível em: <http://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/821> Acesso em 07 set. 2015.

MARANGON, Davi. A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil. Disponível em:

<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20e%20PDF/GT23-6401--Int.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

MARCHI, Rita de Cássia. Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas. Cadernos Pagu. N. 37 – Campinas July/Dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200016&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

MEIRELES, Gabriela Silveira. Infância e poder: Marcas das relações de gênero na escola. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Gabriela_Silveira_Meireles_10.pdf Acesso em 07 set. 2015.

MEIRELES, Gabriela Silveira. O que dizem as crianças sobre meninos e meninas?: Anunciando o jogo das construções, desconstruções e reconstruções das dicotomias de gênero na educação infantil. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5294--Int.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

MELO, Eduardo Rezende. Direito e norma no campo da sexualidade na infância e na adolescência. Disponível em: http://www.childhood.org.br/conteudo2011/Livro_Crianca_e_Adolescente_Direitos_Sexualidades_Reproducao.pdf#page=43 Acesso em 07 set. 2015.

MINELLA, Luzinete Simões. Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil. Cadernos Pagu no.26 Campinas Jan./Jun 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332006000100013&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

MIRANDA, Amanaiara Conceição de Santana. Todos em nome da paz: a tentativa de instaurar intervenções didáticas relacionadas a gênero e sexualidade na educação básica. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2012/04/Todas-em-Nome-da-Paz-a-tentativa-de-instaurar-intervencoes-didaticas-relacionadas-a-genero-e-sexualidade-na-educacao-formal.pdf> . Acesso em 07 set. 2015.

MORUZZI, Andrea Braga. Infâncias: necessárias articulações entre gênero e sexualidade e contribuições dos cadernos pagu. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277861401_ARQUIVO_I_NFANCIASNECESSARIASARTICULACOESENTREGENEROESEXUALIDADE_ECONTRIBUICOESDOSCADERNOSPAGU.pdf Acesso em 07 set. 2015.

NEDEFF, Cristiano Carvalho. Contribuições da Sexologia sobre a Sexualidade Infantil nos Dois Primeiros Anos de Vida: uma Revisão Bibliográfica. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1092> Acesso em 07 set. 2015.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. Gênero, sexualidade e educação infantil: conversando com mulheres, meninas e meninos. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/index.php/paideia/article/view/923> Acesso em 07 set. 2015.

OLIVEIRA, Ana Claudia Delfini Capistrano de. Diálogos possíveis entre gênero e geração nos estudos sociológicos da infância. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT10-03.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

OLIVEIRA, Keila de., RAMOS, Ethiana Sarachin., SALVA, Sueli. Relações de gênero e educação: fronteiras invisíveis que demarcam modos de ser. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/view/4049> Acesso em 07 set. 2015.

PÁTARO, Ricardo Fernandes., RIBEIRO, Amanda de Souza. O sexismo na escola: algumas reflexões. Disponível em: http://www.fecilcam.br/nupem/anais_ix_epct/PDF/TRABALHOSCOMPLETO/Anais-CH/16.pdf Acesso em 07 set. 2015.

PEREIRA, Sidnéia Ribeiro., ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. Educar em Revista no.spe2 Curitiba 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602010000500016&lang=pt Acesso em 07 set. 2015

PERNICA, Fernanda Querino. Gênero, Sexo e Desejo: a educação infantil como estratégia de controle dos corpos. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/viewArticle/4044> Acesso em 07 set. 2015.

QVORTRUP, Jens. A tentação da diversidade e seus riscos. Educação e Sociedade. Vol. 31.n.113 Campinas Oct./Dec. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302010000400004&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

RIDENTI, Sandra., VIANNA, Cláudia. Relações de gênero e escola: das diferenças ao. Cláudia Vianna, Sandra Ridenti. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=lang_pt&id=ROZSkhfHSMkC&oi=fnd&pg=PA93&dq=educa%C3%A7%C3%A3o+infantil,+g%C3%AAnero&ots=xXK2VpxA8a&sig=bMy4zINlx7_gCf1soxUqxJa3Z9U#v=onepage&q&f=false Acesso em 07 set. 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. Revista da faculdade de educação da USP. v. 27, n. 1 (2001) . Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27853> Acesso em 07 set. 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil, classe, raça e gênero. Cadernos de pesquisa. n. 96 (1996). Disponível em:

<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/814> Acesso em 07 set. 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. Caderno de pesquisa. no. 107. São Paulo July 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015741999000200001&lang=pt . Acesso em 07 set. 2015

ROSEMBERG, Fúlvia. Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a09> Acesso em 07 set. 2015.

ROVERI, Fernanda Theodoro; SOARES, Carmen Lúcia. Meninas! Sejam educadas por Barbie e "com" a Barbie... Educ. rev. no.41 Curitiba July/Sept. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602011000300010&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

RUSTOYBURU, Cecilia. Infância, hormônios e gênero. Uma análise histórica dos discursos da biotipologia na Argentina nos anos 1930. Sexualidade, saúde e sociedade. (Rio J.) no.11 Rio de Janeiro Aug. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198464872012000500002&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

SABAT, Ruth Ramos. Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis? Disponível em: <http://www.cefetes.br/gwadocpub/Pos-Graduacao/Especializa%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o%20EJA/Publica%C3%A7%C3%B5es/anped2001/textos/t0747566718868.PDF> Acesso em 07 set. 2015.

SALGADO, Raquel Gonçalves. Da menina meiga à heroína superpoderosa: infância, gênero e poder nas cenas da ficção e da vida. Cadernos CEDES vol.32 no.86 Campinas Jan./Apr. 2012 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622012000100008&lang=pt Acesso em 07 set. 2015

SANTOS, Cláudia Amaral dos. A invenção da infância generificada : a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4979> Acesso em 07 set. 2015.

SAYÃO, Deborah Thomé. A construção de identidade e de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física infantil. Revista pensar a prática v. 5 (2002). Disponível em: <http://h200137217135.ufg.br/index.php/fe/article/view/43> Acesso em 07 set. 2015.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=w8bedwPuSnIC&oi=fnd&pg=PA107&dq=educa%C3%A7%C3

[3%A3o+infantil,+sexualidade&ots=zerJhFIGPj&sig=Sv4sC9GanMaCqol6kbMEISwSanI#v=onepage&q&f=false](#) Acesso em 07 set. 2015.

SCHINDHELM, Virginia Georg. A sexualidade na educação infantil. Disponível em: <http://www.uff.br/revistaleph/pdf/art9.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

SILVEIRA, Jennifer Martins. Manifestações da sexualidade da criança na educação infantil: estranhamentos e desafios. Disponível em: http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/9/TDE20110105T072235Z822/Publico/JENNIFER%20MARTINS%20SILVEIRA.pdf Acesso em 07 set. 2015.

SILVEIRA, Maria Lúcia da. Políticas Públicas de Gênero: Impasses e Desafios para Fortalecer a Agenda Política na Perspectiva da Igualdade. Disponível em: http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/cidadania/conselhos_e_coordenadorias/coordenadoria_da_mulher/Políticas_Genero_1.pdf Acesso em 07 set. 2015.

SIMÃO, Márcia Buss. Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil. Revista Brasileira de Educação. vol.18 no.55 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782013000400008&lang=pt Acesso em 07 set. 2015

SIMÃO, Márcia Buss. Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche. Cadernos de Pesquisa - vol.43 no.148 São Paulo Jan./Apr. 2013 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742013000100009&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

SIQUEIRA, Teresa Cristina Barbo., TRABUCO, Paula Maria. Educação Sexual no Desenvolvimento Infantil. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/viewArticle/3093> Acesso em 07 set. 2015.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Ariadne da infância e do gênero: deslindando labirintos culturais. Revista Estudos Feministas. vol.18 no.2 Florianópolis May/Aug. 2010 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2010000200018&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

SORJ, Bila. Arenas de cuidado nas interseções entre gênero e classe social no Brasil. Cadernos de Pesquisa. vol.43 no.149 São Paulo May/Aug. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742013000200006&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

SOSTISSO, Débora Francez . Interfaces entre gênero, infância e escola : dialogando com crianças. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/22515> Acesso em 07 set. 2015.

SOUZA, Érica Renata de. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. Cadernos Pagu no.26 Campinas Jan./Jun 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332006000100008&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

SOUZA, Fabiana Cristina de. Gênero e infância: a noção de alteridade nas representações sociais de meninos e meninas. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/EL/article/viewArticle/112> Acesso em 07 set. 2015.

SOUZA, Gisele Maria Costa. Gênero e lúdico: um estudo com crianças na educação infantil. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Gisele_Maria_Costa_Souza_10.pdf Acesso em 07 set. 2015.

SOUZA, Jane Felipe de. O que as crianças têm a dizer sobre relações de gênero: algumas implicações para a pesquisa em educação. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_08_05_O_QUE_AS_CRIANCAS_TEM_A_DIZER SOBRE RELACOES DE GENERO_ALGUM.pdf Acesso em 07 set. 2015.

SOUZA, Jane Felipe de. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil. Disponível em: http://www.titosenfaed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf Acesso em 07 set. 2015.

SOUZA, Jane Felipe de. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/53-dossie-felipej.pdf>. Acesso em 07 set. 2015.

SOUZA, Jane Felipe de. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Representa%C3%A7%C3%B5es%20de%20g%C3%AAnero,%20sexualidade%20e%20corpo%20na%20m%C3%ADdia.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

SOUZA, Jane Felipe. Educação para a sexualidade: uma proposta de formação docente. Disponível em: http://cm-cuba.pt/ficheiros/Planoligualdade/docs/Educacao_para_a_Igualdade_Genero.pdf#page=31 Acesso em 07 set. 2015.

UNBEHAUM, Sandra Unbehaum., VIANNA, Claudia. Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302006000200005&lang=pt Acesso em 07 set. 2015.

VIANNA, CLAUDIA. O sexo e o gênero na docência. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03> Acesso em 07 set. 2015.

VIDAL, Fernanda Fornari. Os “Novos Contos de Fadas” Ensinando sobre Relações de Gênero e Sexualidade. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST44/Fernanda_Fornari_Vidal_44.pdf Acesso em 07 set. 2015.

WANDA, Maria José Figueiredo Ávila. A professora de creche: a docência e o gênero feminino na educação infantil. In: Pro-posições. Campinas, v. 14, n.3 (42), p.053-065, set./dez. 2003. Disponível em: http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/acervo/artigosdeperiodicos/WANDA_AProfessoraDeCreche_IN_ProPosicoes_p53_65.doc/view Acesso em 07 set. 2015.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Infância Sexuada Freudiana: condições históricas de seu aparecimento. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/22998> Acesso em 07 set. 2015.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a08.pdf> Acesso em 07 set. 2015.

ANEXO 1 – Tabela de pesquisas encontradas no site de busca Scielo

TÍTULO	AUTOR	ANO
Expansão da educação infantil e processos de exclusão	Fúlvia Rosemberg	1999
Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil	Claudia Vianna, Sandra Unbehaum	2006
Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte	Ana Lúcia Goulart de Faria	2006
Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca	Tizuko Morchida Kishimoto; Andréia Tiemi Ono	2008
Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder	Claudia Vianna; Daniela Finco	2009
Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero	Isabel de Oliveira e Silva; Iza Rodrigues da Luz	2010
Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente	Marli Lúcia Tonatto Zibetti; Sidnéia Ribeiro Pereira	2010
Educação infantil: análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos	Gustavo Martins Piccolo	2011
Gênero e culturas infantis: os <i>clubinhos</i> da escola e as <i>trocinhas</i> do Bom Retiro	Tânia Mara Cruz	2012
Cultura visual e homossexualidades na constituição de "novas" infâncias e "novos" docentes	Anderson Ferrari	2012
Da menina meiga à heroína superpoderosa: infância, gênero e poder nas cenas da ficção e da vida	Raquel Gonçalves Salgado	2012
Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil	Márcia Buss-Simão	2013
Arenas de cuidado nas interseções entre gênero e classe social no Brasil	Bila Sorj	2013
Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche	Márcia Buss-Simão	2013
Homens na educação infantil:	Mariana Kubilius Monteiro;	2014

olhares de suspeita e tentativas de segregação	Helena Altamann	
Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância	Constantina Xavier Filha	2014
Sexos, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da Educação Sexual	Jimena Furlan	2007
Sigmund Freud, da psicoprofilaxia à educação psicanaliticamente esclarecida: um percurso	Gleisson Roberto Schmidt	2011
Integração Saúde e Educação: Contribuições da Psicologia para a Formação de Educadores de uma Creche em Sexualidade Infantil	Adriane Costa, Rocha Ciaffone , Marivete Gesser	2014
Gênero, adversidade e problemas socioemocionais associados à queixa escolar	Edna Maria Marturano; Gisele Paschoal Toller; Luciana Carla dos Santos Elias	2005
Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil	Luzinete Simões Minella	2006
Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar	Érica Renata de Souza	2006
<i>Pequena Miss Sunshine</i> : para além de uma subjetividade exterior	Rosa Maria Bueno Fischer	2008
Ariadne da infância e do gênero: deslindando labirintos culturais	Ana Carolina Eiras Coelho Soares	2010
A tentação da diversidade - e seus riscos	Jens Qvortrup	2010
Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas	Rita de Cássia Marchi	2011
Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças	Constantina Xavier Filha	2011
Meninas! Sejam educadas por Barbie e "com" a Barbie...	Fernanda Theodoro Roveril; Carmen Lúcia Soares	2011
Assim falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém	Michelle Brugnera Cruz Cechin; Thaise da Silva	2012
Barbie e sua história: gênero, infância e consumo	Helena Altmann	2013
A influência do gênero e idade no desempenho das habilidades locomotoras de crianças de primeira infância	Dayana da Silva Oliveira; Ilana Santos de Oliveira; Maria Teresa Cattuzzo	2013
Direitos sexuais de crianças e adolescentes: avanços e entraves	Cíntia de Sousa Carvalho; Elisângela Ribeiro da Silva; Solange Jobim e Souza; Raquel Gonçalves Salgado	2012

ANEXO 2 – Tabela de pesquisas encontradas no site de busca Revista Zero a Seis

TÍTULO	AUTOR	ANO
O jogo de gênero: meninas e meninos na escola	João Josué Silva Filho, Márcia Buss Simão	2011
A boneca barbie na cultura lúdica: brinquedo, infância e subjetivação	Michelle Brugnera Cruz Cechin, Thaise da Silva	2012
Dilemas do educador frente a sexualidade	Flavia Gonçalves de Santiago, Jurcleidy Moritz Luz, Márcia Mesquita, Zenilda Zilda Scalvin	2000

ANEXO 3 – Tabela de pesquisas encontradas no site de busca Google Acadêmico

TÍTULO	AUTOR	ANO
Educação infantil, classe, raça e gênero	Fúlvia Rosemberg	1996
Lápis vermelho e de mulherzinha : desenho infantil, relações de genero e educação infantil	Marcia Aparecida Gobbi	1997
Expansão da educação infantil e processos de exclusão	Fúlvia Rosemberg	1999
Conversando com educadoras e educadores de berçário : relações de gênero e de classe na educação infantil	Maria Luiza Rodrigues Flores	2000
O sexo e o gênero da docência	Cláudia Pereira Vianna	2001
Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990	Fúlvia Rosemberg	2001
Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica	Fúlvia Rosemberg	2001
A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física infantil	Deborah Thomé Sayão	2002
Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil	Daniela Finco	2003
A professora de creche: a docência e o gênero feminino na educação infantil	Maria José Figueiredo Ávila Wanda	2003
Brinquedos e gênero na educação infantil - um estudo do tipo etnográfico no Estado do Rio de Janeiro	Tania Maria Cordeiro de Azevedo	2003
Políticas Públicas de Gênero: Impasses e Desafios para Fortalecer a Agenda Política na Perspectiva da Igualdade	Maria Lúcia da Silveira	2003
Modos de educação, gênero e relações escola-família	Maria Eulina Pessoa De Carvalho	2004
Identidades de gênero e propagandas televisivas : um estudo no contexto da educação infantil	Bianca Salazar Guizzo	2005
Crenças, valores e visões: trabalhando as dificuldades	Adriano Beiras; Grazielle Tagliamento; Maria Juracy	2005

relacionadas a sexualidade e gênero no contexto escolar	Filgueiras Toneli	
Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares e escolares na brinquedoteca	Fernanda Wanderlind Gabriela Dal Forno Martins Janete Hansen Samira Mafioletti Macarini Mauro Luis Vieira	2006
A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em pré-escolas	Vera Lúcia de Oliveira Gomes	2006
Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual	Jimena Furlani	2007
Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas	Jane Felipe	2007
Identidades de gênero masculinas na infância e as regulações produzidas na educação infantil	Bianca Salazar Guizzo	2007
Socialização de Gênero na Educação Infantil	Daniela Finco	2008
Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca	Tizuko Morchida Kishimoto; Andréia Tiemi Ono	2008
Gênero, sexualidade e educação infantil: conversando com mulheres, meninas e meninos	Vanessa Ferraz Almeida Neves	2008
Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar	Juliana Keller Nogueira, Delton Aparecido Felipe, Teresa Kazuko Teruya	2008
Gênero e lúdico: um estudo com crianças na educação infantil	Gisele Maria Costa Souza	2008
A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século xx	Kaizô Iwakami Beltrão, José Eustáquio Diniz Alves	2009
Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil	Daniela Finco	2010
Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero	Daniela Finco	2010
Gênero, sexualidade e educação formal no Brasil: uma análise preliminar da produção acadêmica entre 1990 e 2006	Claudia Pereira Vianna, Marilia Pinto de Carvalho, Maria de Fatima Salum	2011

Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil	Jane Felipe de Souza	-
O que as crianças têm a dizer sobre relações de gênero: algumas implicações para a pesquisa em educação	Jane Felipe de Souza	-
Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito	Cláudia Vianna, Sandra Ridenti	-
Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental	Tânia Mara Cruz; Marília Pinto de Carvalho	-
Lazer e gênero: suas relações com o lúdico	Renata Laudares Silva	-
Dos "segredos sagrados" : gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil	Judite Guerra	2005
Desejo, diferença e sexualidade na educação infantil : uma análise da produção dos sujeitos nas práticas escolares	Renata Pimenta Domingues	2007
Manifestações da sexualidade da criança na educação infantil: estranhamentos e desafios	Jennifer Martins Silveira	2010
Gênero e sexualidade nos currículos de pedagogia	Sandra Unbehaum; Sylvia Cavasin; Thais Gava	2010
A sexualidade na educação infantil	Virginia Georg Schindhelm	2011
Educação Sexual no Desenvolvimento Infantil	Teresa Cristina Barbo Siqueira, Paula Maria Trabuco	2013
Gênero, Sexo e Desejo: a educação infantil como estratégia de controle dos corpos.	Fernanda Querino Pernica	2014
Educação para a sexualidade: uma proposta de formação docente	Jane Felipe	-
Curiosidade, sexualidade e currículo	Deborah Britzman	-
Educação sexual e educação infantil nos relatos de profissionais que trabalham com a formação de educadoras de creche/pré-escola	Elizabere Franco Cruz	2003
Cenas de meninas e meninos no cotidiano institucional da educação infantil: um estudo sobre as relações de gênero	Arlete de Costa	2004
Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil	Zandra Elisa Argüello	2005

Representações de gênero nos discursos de crianças pré-escolares: Problematizando as questões de gênero com crianças através da literatura infantil	Zandra Elisa Argüello	2008
Infância e poder: Marcas das relações de gênero na escola	Gabriela Silveira Meireles	2008
Políticas públicas, desigualdades raciais e de gênero: repensando valores, princípios e práticas	Eliane Cavalleiro e Ana Marques	2008
Os “Novos Contos de Fadas” Ensinando sobre Relações de Gênero e Sexualidade	Fernanda Fornari Vidal	2008
Gênero, sexualidade e co-educação: uma experiência na escola	Viviane das Chagas Caron	2008
A construção das identidades de gênero na educação infantil	Claudia Regina Renda Bíscaro	2009
É de menina ou de menino? Gênero e sexualidade na formação da professora de educação infantil	Viviane Drumond	2010
Educação, sexualidade e gênero na educação infantil: uma articulação possível e necessária	Gladimar Mariano Cáceres	2011
Tod@s em nome da paz: a tentativa de instaurar intervenções didáticas relacionadas a gênero e sexualidade na educação básica	Amanaiara Conceição de Santana Miranda	2011
Teatro e educação: chapeuzinho lilás e a mala da vovó	Sandra Natali Teodósio da Silva	2013
Coisas de menino ou de menina? Pedagogias de gênero nas escolas de educação infantil	Bruna Bertuol	2013
“Será que ele vai ser gay?": crianças e as fronteiras de gênero na educação infantil	Alice Hanni Blind	2014
Novos olhares para as pedagogias de gênero na educação infantil	Denise Regina Quaresma da Silva, Bruna Bertuol	2014
O sexismo na escola: algumas reflexões	Amanda de Souza Ribeiro, Ricardo Fernandes Pátaro	2014
Relações de gênero e educação: fronteiras invisíveis que demarcam modos de ser	Sueli Salva, Ethiana Sarachin Ramos, Keila de Oliveira	2014
Estudos Culturais, gênero e infância: limites e possibilidades de uma metodologia em	Jane Felipe	

construção		
Meninas e meninos na educação infantil: transgredindo as fronteiras de gênero	Adriana Lucia de Oliveira Rodrigues, Vanubia Sampaio dos Santos Lopes	
Educação e gênero: uma abordagem sobre meninos e meninas na educação infantil	Elyziane Rhaquel Araújo Moraes, Lívia Maria Serafim Duarte	
O que dizem as crianças sobre meninos e meninas?: anunciando o jogo das construções, desconstruções e reconstruções das dicotomias de gênero na educação infantil	Gabriela Silveira Meireles	
O combate ao racismo e ao sexismo como eixo norteadores das políticas de educação	Eliane Cavalleiro	
Educação infantil e gênero: investigações sobre a expressão cultural no desenho	Andressa Rezende Boel; Elsiene Coelho da Silva	
Construções de gênero na Educação Infantil e Ensino Fundamental Relações de gênero e sexualidade na escola: uma investigação na prática docente	Maria Cecília Souza Pereira, Lyvia Tavares Felix do Carmo e Hulda Helena Coraciara Stadtler , Elvira Bezerra Pessoa, Adeilson Paulino de Barros	
Estereótipos sexuais e a educação sexista no discurso de mães	Kellen Cristina Florentino Reis, Ana Cláudia Bortolozzi Maia	
A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil	Davi Marangon	
A escola como promotora de pensamentos e atitudes sexistas: uma abordagem no nível da pré-escola.	Teresa Santos Arruda	
A invenção da infância generificada : a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero	Cláudia Amaral dos Santos	2004
Infância e diversidade: um estudo sobre significações de gênero no brincar	Renata Fernanda Fernandes Gomes	2005
Brincadeira no espaço da rua e a demarcação dos gêneros na infância	Tatiane de Oliveira Pinto, Maria de Fátima Lopes	2005
Infância, gênero e estereótipos sexuais: análise do relato de	Ana Cláudia Bortolozzi Maia	2008

mães de crianças de 4 a 6 anos		
Gênero e infância: a noção de alteridade nas representações sociais de meninos e meninas	Fabiana Cristina de Souza	2008
Gênero na infância: análise do filme "La vie in rose" como instrumento pedagógico em educação sexual	Aline Ariana Alcântra Anacleto, Ana Cláudia Bortolozzi Maia	2009
Interfaces entre gênero, infância e escola : dialogando com crianças	Débora Francez Sostisso	2009
Reflexões sobre infância e gênero a partir de publicações em revistas feministas brasileiras	Zuleica Pretto, Mara C. de S. Lago	2013
Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis?	Ruth Ramos Sabat	
Aquisição de papéis sexuais na infância.	Marília Graciano	1978
A sexualidade infantil	Celeste Malpique	1986
Sexo e sexualidade da criança e do adolescente	Christian Gauderer	1996
Contribuições da Sexologia sobre a Sexualidade Infantil nos Dois Primeiros Anos de Vida: uma Revisão Bibliográfica	Cristiano Carvalho Nedeff	2001
Identidade e resistência : as crianças e as representações televisuais de corpo e sexualidade	Eliane Medeiros Borges	2004
Infância Sexuada Freudiana: condições históricas de seu aparecimento	Amadeu de Oliveira Weinmann	2006
Corpo, espetáculo e consumo: novas configurações midiáticas para a infância	Eliane Medeiros Borges	2007
Educação para a sexualidade: as representações sociais das educadoras de infância	Nadia Monteiro, Vânia Pereira, Isabel Piscalho	2010
Infâncias: necessárias articulações entre gênero e sexualidade e contribuições dos cadernos pagu	Andrea Braga Moruzzi	2010
Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos	Ana Cláudia Bortolozzi Maia, Raquel Baptista Spaziani	2010
Direito e norma no campo da sexualidade na infância e na adolescência	Eduardo Rezende Melo	
As teorias sexuais infantis na	Silvia Maria Abu-Jamra Zornig	

atualidade: algumas reflexões		
Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia	Jane Felipe	
Diálogos possíveis entre gênero e geração nos estudos sociológicos da infância	Ana Claudia Delfini Capistrano de Oliveira	2012
A vivência do racismo e do sexismo na infância e na adolescência e a construção da identidade das meninas negras	Jussara de Cássia Soares Lopes	2012
Relações de gênero: educação e infância	Anelice Maria Banhara Figueiredo; Aline Fátima Banhara	2013
Cenas cotidianas que desafiam educadores(as) a lidar com gênero e sexualidades na infância	Virginia Georg Schindhelm	2013
Relações de gênero e educação: o cuidado com as crianças pequenas	Daniéle de Matos Machado	
Gênero, sexualidades, diferenças e diversidades em livros para a infância: análises e produções para/com crianças	Constantina Xavier Filha	